

O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LE ATRAVÉS DO USO DE HISTÓRIAS

Pedro Miguel Neves de Castro

**Relatório da P.E.S.
Mestrado em Ensino de Inglês
e de Língua Estrangeira (Alemão)
no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário**

SETEMBRO DE 2010



Relatório apresentado para cumprimento dos requisitos necessários a obtenção do grau de Mestre em Ensino de Inglês e de Língua Estrangeira (Alemão) no 3.o Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Ana Gonçalves Matos, Professora Auxiliar do Departamento de Línguas, Culturas e Literaturas Modernas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas.

DECLARAÇÃO

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apreciado pelo júri a designar.

O candidato,

Lisboa, 30 de Setembro de 2010

Declaro que este Relatório se encontra em condições de ser apresentado a provas públicas.

A orientadora,

Lisboa, de de

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às minhas orientadoras da Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, Constança Alves e Esmeraldina Gralha, cuja experiência e ajuda foram cruciais no meu desenvolvimento académico e pessoal.

Ainda na ESFMP, agradeço a todas as pessoas que tornaram o meu estágio uma experiência mais rica, em particular ao meu colega de estágio, António Oliveira, e a Birgit Bauernhoffer, pelo seu incentivo e apoio constantes.

Uma palavra de agradecimento a Carlos Pegacha, Teresa Alexandre e Rosália Martinho, professores marcantes ao longo dos meus estudos e, em grande parte, responsáveis pela minha paixão pelo ensino.

O meu obrigado também aos orientadores da faculdade, Ana Matos e Rolf Köwitsch, pelo acompanhamento ao longo do estágio e pela disponibilidade contínua na redacção deste relatório.

Um agradecimento especial aos meus pais, que sempre me incentivaram a estudar e me ajudaram a focar-me nos objectivos correctos.

Ao André, um enorme obrigado por toda a paciência e amizade que sempre me demonstrou.

RESUMO

ABSTRACT

O ENSINO-APRENDIZAGEM DA LE ATRAVÉS DO USO DE HISTÓRIAS

USING STORIES IN THE FOREIGN LANGUAGE CLASSROOM

PEDRO MIGUEL NEVES DE CASTRO

PALAVRAS-CHAVE: histórias, avaliação, observação

KEYWORDS: stories, assessment, classroom observation

Este relatório incide sobre a minha Prática de Ensino Supervisionada (P.E.S.) na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, em Almada, no ano lectivo de 2009/2010. O seu objectivo é reflectir tanto na observação de aulas como na prática lectiva ao nível do ensino do Inglês e do Alemão. Embora o tema abordado seja “O Ensino-Aprendizagem da LE através do Uso de Histórias”, foco também outros pontos, nomeadamente a avaliação das componentes escrita e tal e a adaptação de materiais às turmas que leccionei.

This report refers to my MA in Teaching as a teacher of English and German at the Fernão Mendes Pinto Secondary School in Almada in the school year of 2009/2010. Its aims are both to reflect upon different methods of classroom observation and teaching practices during my activity as a trainee teacher. In addition to my choice of topic – “Using Stories in the Foreign Language Classroom” – I also consider other areas, namely written and oral assessment, and the adaptation of teaching materials to the classes I taught.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I: Escola Secundária Fernão Mendes Pinto.....	2
I.1. Descrição da escola.....	2
I.2. Actividades extra-curriculares.....	2
I.3. Uma escola para o futuro.....	3
Capítulo II: As <i>histórias</i> no ensino-aprendizagem da LE.....	5
II.1. <i>Histórias</i> : o que são?.....	5
II.2. Quais as vantagens?.....	6
II.3. Adaptação do tema às turmas de Inglês e Alemão.....	6
Capítulo III: Estágio em Inglês.....	8
III.1. Início do ano lectivo.....	8
III.2. Caracterização da turma.....	8
III.3. Aulas observadas.....	9
III.3.1. Metodologia.....	9
III.3.2. Observação dos alunos.....	10
III.3.3. Observação da professora.....	11
III.3.4. Conclusões.....	12
III.4. Aulas leccionadas.....	12
III.4.1. O processo de inserção na turma.....	12
III.4.1.1. Primeira aula.....	13
III.4.1.2. Segunda aula.....	13
III.4.1.3. Terceira aula.....	14
III.4.2. Primeira unidade: <i>The Landlady</i>	15
III.4.2.1. Introdução ao conto.....	15
III.4.2.2. Análise e desenvolvimento.....	16
III.4.2.2.1. Primeira aula.....	16
III.4.2.2.2. Segunda aula.....	18

III.4.2.2.3. Terceira aula.....	19
III.4.2.3. Conclusão do conto.....	19
III.4.2.4. Avaliação.....	20
III.4.2.5. Reflexão.....	21
III.4.3. Segunda unidade leccionada: Paula Rego.....	22
III.4.3.1. Primeira parte: “ <i>creating an ad</i> ”.....	22
III.4.3.1.1. Metodologia.....	23
III.4.3.1.2. Avaliação	24
III.4.3.2. Segunda parte: <i>creative writing</i>	24
III.4.3.2.1. Metodologia.....	25
III.4.3.2.2. Avaliação	26
III.4.3.2.3. Gravação das histórias.....	26
III.5. Visita de estudo à <i>Casa das Histórias</i>	27
III.5.1. Preparação.....	27
III.5.2. Reflexão.....	28
III.6. Os seminários com a orientadora.....	28
III.7. Conselhos de turma.....	29
Capítulo IV: Estágio em Alemão.....	30
IV.1. Início do ano lectivo.....	30
IV.2. Caracterização da turma.....	30
IV.3. Aulas observadas e metodologia.....	31
IV.4. Aulas leccionadas.....	32
IV.4.1. Inserção na turma.....	32
IV.4.1.1. Aula de revisões de gramática.....	32
IV.4.1.2. Aula temática: <i>Die Wiedervereinigung</i>	33
IV.4.2. Primeira aula assistida.....	33
IV.4.2.1. Metodologia.....	33
IV.4.2.2. Reflexão.....	34
IV.4.3. <i>Die Prinzessin auf der Erbse</i>	34

IV.4.3.1. Metodologia.....	35
IV.4.3.2. Reflexão.....	35
IV. 4.4. Segunda aula assistida.....	36
IV.4.4.1. Análise do tema e dos materiais.....	36
IV.4.4.2. Reflexão.....	37
IV.4.5. <i>Der kleine Prinz</i>	37
IV.4.5.1. Análise do tema e dos materiais.....	38
IV.4.5.2. Reflexão.....	39
IV.4.6. A música nas aulas.....	39
IV.5. Motivação: um problema por resolver.....	40
IV.5.1. Estratégias adoptadas.....	41
IV.5.2. Resultados.....	42
IV.6. Actividade de improvisação.....	42
IV.6.1. Preparação e execução.....	43
IV.6.2. Os efeitos na turma.....	43
IV.7. Aula com a Terceira Idade.....	44
IV.8. Visitas de estudo.....	44
IV.9. Birgit Bauernhoffer: a assistente de língua.....	45
IV.10. Os seminários com a orientadora.....	46
IV.11. Conselhos de turma.....	47
Conclusão.....	48
Bibliografia.....	50
Anexos.....	i
Anexo 1.....	ii
Anexo 2.....	iv
Anexo 3.....	vii
Anexo 4.....	ix
Anexo 5.....	ixx
Anexo 6.....	xxiii

Anexo 7.....	xxxii
Anexo 8.....	xlii
Anexo 9.....	xliv
Anexo 10.....	l
Anexo 11.....	lviii
Anexo 12.....	lxiv
Anexo 13.....	lxxiii
Anexo 14.....	lxxv
Anexo 15.....	lxxvi

Introdução

No âmbito do meu estágio na escola Secundária Fernão Mendes Pinto, em Almada, decorrido entre Setembro de 2009 e Abril de 2010, sobre o qual incide o presente relatório, propus-me investigar e trabalhar o tema “O ensino-aprendizagem da LE através do uso de histórias”. Com este tema, que irá ser explicado e desenvolvido posteriormente, pretendo abordar e reflectir sobre as vantagens de usar histórias (entenda-se não apenas em suporte escrito, mas também em suporte áudio) em contexto de sala de aula, nomeadamente em aulas de língua estrangeira. Apesar de me cingir apenas às duas línguas que leccionei, Inglês e Alemão, entenda-se este trabalho de modo mais abrangente, podendo o meu relato ser útil também no ensino-aprendizagem de outras línguas não maternas.

Para além do objectivo enunciado, pretendi igualmente reflectir sobre métodos de avaliação no que diz respeito ao trabalho (recepção e produção) escrito e oral nas aulas de língua estrangeira. Ao longo do estágio tive a oportunidade de conhecer, compreender e utilizar diferentes métodos de avaliação, o que constituiu igualmente uma oportunidade de reflexão.

Outro ponto que irei focar é a diferença entre as duas turmas com as quais trabalhei, tentando estabelecer pontos de ligação e comparações entre as várias estratégias que delinee para trabalhar com cada uma. De facto, o estágio foi bastante rico no que diz respeito a este ponto, já que as duas turmas que leccionei, apesar de serem ambas de 11º ano, revelaram ser opostas em todos os sentidos. Contudo, esta situação acabou por me criar obstáculos importantes que me fizeram reflectir sobre a minha prática de ensino, não apenas ao nível da planificação, mas também da execução.

Em suma, tentarei dar conta da experiência que adquiri ao longo do estágio, desenvolvendo e interligando os pontos acima referidos, assim como aspectos complementares que possam constituir um contributo válido para a reflexão crítica que me proponho fazer. Neste relatório, irei contar a minha própria história como docente em aulas de língua estrangeira, reflectindo não apenas nos objectivos que alcancei com sucesso, mas também nos pontos que me foram mais difíceis de ultrapassar e que, em última análise, me ajudaram a desenvolver diversas capacidades que, estou certo, me irão ser úteis no meu futuro profissional como professor.

Capítulo I – Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

I. 1. Descrição da escola

Quando iniciei o meu estágio na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, em Setembro de 2009, já tinha uma ideia de como eram as instalações, uma vez que já tinha estado presente nas mesmas um ano antes, aquando de uma breve visita a uma aula de Alemão no âmbito da disciplina de Didáctica e Metodologia do Ensino do Alemão. Já na altura fiquei com uma excelente impressão, embora pouco aprofundada, da escola e das imediações. Desde o pátio espaçoso, passando pelas vastas e cuidadas áreas verdes, até ao espírito renascentista que pairava no ar – todas as árvores e arbustos tinham os nomes indicados tanto em Português como em Latim.

Posso afirmar que, quando passei a frequentar regularmente aquele espaço, a minha impressão em nada se alterou. De facto, esta escola prima pela sua eficácia: existem duas salas multimédia à disposição dos professores, ideais para aulas mais dinâmicas com acesso à internet, para o visionamento de filmes ou documentários ou para apresentação de trabalhos mais elaborados; há uma variedade de meios que podem ser requisitados (*datashow*, retroprojector, computador portátil, etc.) e transportados para qualquer sala; existe uma sala de professores ampla e organizada e uma sala para directores de turma, onde se pode tratar de assuntos específicos relacionados com a direcção de turma como, por exemplo, reunir com encarregados de educação.

Também os alunos têm os seus espaços próprios: o centro de recursos, que se encontra bastante bem equipado ao nível de livros e meios audiovisuais; e o espaço polivalente, que pode ser o palco de qualquer actividade ou evento organizado pelos alunos, ou onde os mesmos podem também conviver e ouvir música durante os intervalos.

I. 2. Actividades extra-curriculares

Outra das características inerentes a esta escola prende-se com as inúmeras actividades extra-curriculares que ali se desenrolam. Posso afirmar que, ao longo do tempo em que decorreu o estágio, raros eram os dias em que não havia nenhum evento organizado pelos professores e, sobretudo, pela associação de estudantes. Desde acções

de embelezamento e limpeza da escola, passando por exposições de trabalhos, até concursos de música, dança ou leitura. Eram também frequentes as semanas temáticas, como por exemplo a semana dedicada às Artes ou às Línguas. Além disso, verifiquei que existiam bastantes grupos de alunos – Grupo de Alunos da Amnistia Internacional; grupos de teatro (entre os quais um grupo de teatro multilingue, com alunos oriundos de países como a Áustria ou a China); ou o conhecido Grupo de Xadrez.

Em suma, verifiquei que na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto existe um clima propício à integração de todos na comunidade escolar, podendo este factor ter uma enorme influência na motivação pessoal e consequente participação em actividades dentro do espaço escolar. A meu ver, esta vertente está de acordo com o conceito de uma escola para o futuro.

I. 3. Uma escola para o futuro

Além do que já foi referido, existiam ainda, actividades relacionadas com o Projecto Comenius, um projecto internacional cujos objectivos são «contribuir para o conhecimento mútuo dos jovens e das escolas na Europa» e a “promoção do multilinguismo e da interculturalidade” – tal como mencionado no *website* da escola.¹ É de assinalar que este projecto é uma das partes integrantes do “Programa de Aprendizagem ao longo da Vida” do qual, entre outros, se podem assinalar os seguintes objectivos²:

1. Reforçar o contributo da aprendizagem ao longo da vida para a coesão social, a cidadania activa, o diálogo intercultural, a igualdade entre homens e mulheres e a realização pessoal;
2. Promover a aprendizagem de línguas e a diversidade linguística;
3. Reforçar o papel da aprendizagem ao longo da vida na criação de um sentido de cidadania europeia baseada na compreensão e no respeito dos direitos humanos;
4. Contribuir para a promoção da criatividade, da competitividade e da empregabilidade, bem como para o desenvolvimento do espírito empreendedor;

¹ URL: <http://www.esfmp.pt/comenius/descricao>

² URL: <http://www.proalv.pt/>

5. Contribuir para melhorar a qualidade das possibilidades de aprendizagem ao longo da vida existentes nos Estados-Membros.

Como se pode verificar, este programa pode ser uma ferramenta essencial no sistema de ensino moderno, contribuindo para o diálogo e aproximação de culturas, promoção e aprendizagem de línguas ou desenvolver variadas competências (como a criatividade, competitividade ou o empreendedorismo) que podem e devem ser usadas numa sociedade cada vez mais global.

Além deste projecto europeu, a ESFMP está também ligada ao projecto «Escolas Piloto de Alemão», apoiado pelo *Goethe Institut*, pela Embaixada Alemã e pela Associação Portuguesa de Professores de Alemão (APPA). Os objectivos passam por incrementar o ensino-aprendizagem da língua alemã e, dar visibilidade a aspectos culturais dos países de expressão alemã ou ainda, por exemplo, promover actividades e experiências pedagógicas tendentes à disseminação do Alemão³.

Pode verificar-se que a ESFMP é uma escola dinâmica e que acompanha e desenvolve projectos inovadores, sendo essa umas das suas imagens de marca. É esse espírito que, nesta escola, se tenta transmitir aos alunos. Portanto, foi com grande entusiasmo que participei em algumas actividades no âmbito destes projectos.

³ URL: <http://www.min-edu.pt/np3/1930.html>

Capítulo II – As histórias no ensino-aprendizagem da LE: análise do tema

II. 1. Histórias: O que são?

Antes de aprofundar a reflexão que me proponho fazer, penso ser necessário clarificar o sentido do próprio tema escolhido. Afinal, o que são histórias? São textos em suporte escrito, áudio e ainda imagens. Isto é, materiais diversos que podem ser usados em contexto de sala de aula para trabalhar e aperfeiçoar o nível de domínio de língua. Entenda-se que os materiais referidos podem ser usados conforme os objectivos propostos para uma aula: desde um trabalho de produção ou continuação de uma história até à mera análise de uma já existente. Ou seja, as histórias podem funcionar não só como ponto de partida para um determinado trabalho ou análise, mas podem também ser o objectivo de um trabalho criativo. Além disso, esses objectivos vão estar dependentes de vários factores como o domínio médio de língua dos alunos de uma determinada turma ou até mesmo de outros factores como a motivação ou criatividade (essa questão irá ser desenvolvida posteriormente, neste mesmo capítulo). De modo a clarificar o que se pretende, ilustro com exemplos os vários tipos de materiais que acima mencionei:

- a) Como exemplo de texto em suporte escrito, refiro o conto *The Landlady* (Dahl, 1962), usado nas aulas de Inglês. Este conto permitiu uma grande variedade de exercícios, desde análises linguísticas e semânticas até actividades que, embora relacionadas com o texto, permitiram explorar outras vertentes não directamente relacionadas com o mesmo.
- b) Como exemplo de texto em suporte áudio, o conto *Der kleine Prinz*, usado nas aulas de Alemão. O conto foi usado, em grande parte, para exercícios de compreensão oral e de treino de vocabulário específico.
- c) Como exemplos de imagens, os quadros da pintora Paula Rego, usados nas aulas de Inglês. Estes quadros permitiram aos alunos explorar a sua criatividade, uma vez que os exercícios com eles relacionados tinham uma componente abstracta – a partir de um quadro, os alunos tinham a tarefa de criar um anúncio publicitário; outro exemplo é, a partir de outro quadro, elaborar uma pequena história.

II. 2. Quais as vantagens?

O uso de histórias em aulas de língua estrangeira (e possivelmente noutras áreas) traz, efectivamente, bastantes vantagens no que diz respeito não só ao trabalho do professor, como também à motivação por parte dos alunos e à sua consequente aprendizagem. Contribui, por isso, para um bom ambiente dentro da sala de aula.

Especificamente, refiro, em primeiro lugar, o treino das quatro competências na aprendizagem de uma língua nas áreas: ler, ouvir, escrever e falar. O uso de histórias permite trabalhar todos estes vectores de maneiras bastante variadas.

Em segundo lugar, é possível adaptar facilmente os materiais e tipologias de exercícios aos vários níveis de língua de diferentes turmas. Por exemplo, pode trabalhar-se o mesmo texto ou imagem de maneira diferente, dependendo do nível de língua.

Por último, permite aos alunos distanciarem-se do seu íntimo e entrar numa outra realidade que não a sua, com outras personagens e acontecimentos distantes, o que pode ser útil em termos de concentração numa determinada actividade. Ao mesmo tempo, cria-se um elo de ligação entre o leitor (ou ouvinte) e a história narrada, o que propicia um processo de aprendizagem mais dinâmico e criativo e, sobretudo, mais motivante.

II. 3. Adaptação do tema às turmas de Inglês e Alemão

Uma vez que me deparei com duas turmas totalmente distintas, senti a necessidade de adaptar o tema – a nível da tipologia e dificuldade de exercícios – à realidade dessas mesmas turmas. Além da adaptação mais óbvia, que se prende com a língua em si e com o nível de mestria, encontrei duas turmas opostas também em termos de motivação, o que se revelaria um desafio ao longo do estágio. Não pretendendo caracterizar já ambas as turmas pormenorizadamente, refiro apenas alguns exemplos de exercícios que optei para cada uma delas: em relação à turma de Inglês, uma turma mais dinâmica e motivada no geral, optei por usar textos mais complexos e longos – *The Landlady* (Dahl, 1962) é um exemplo disso. Os exercícios revestiram-se de um maior trabalho linguístico: explicar citações ou termos complexos usando outras palavras; inferir significados pouco explícitos no texto; discutir questões complexas de natureza humana suscitadas por um texto; ou, como já mencionado, produzir narrativas integralmente a partir de uma imagem.

No que diz respeito à turma de Alemão, com alunos menos motivados para a aprendizagem da língua, usei exercícios menos complexos: descrever sucintamente uma imagem num contexto já conhecido; treinar vocabulário específico através de exercícios de *prereading* e *prelistening*; produzir diálogos simples como continuação de situações já apresentadas; ou preencher transcrições de um texto áudio, usando palavras propostas.

Em suma, não só a tipologia de exercícios, como também os objectivos para cada actividade foram formulados tendo em mente as turmas e os diferentes domínios de língua, uma vez que são factores indissociáveis. Outro factor a ter em conta foi a motivação dos alunos, porque há que haver uma diferenciação nos objectivos e nas actividades quando se lida com turmas mais ou menos motivadas para a aprendizagem.

Capítulo III – Estágio em Inglês

III. 1. Início do ano lectivo

Pouco antes do início do ano lectivo, no dia 1 de Setembro de 2009, reuni-me, juntamente com o meu colega estagiário, com a orientadora de estágio de Inglês. A orientação ficou a cargo da Dr.^a Constança Alves, uma professora já bastante experiente no que toca não só ao ensino, mas também à orientação da P.E.S.

Nesta reunião ficaram estabelecidas as linhas orientadoras do futuro estágio: a turma com a qual iríamos trabalhar e respectivo horário; e a carga semanal de seminários para acompanhamento pessoal e em grupo. Ficou definido que, além das aulas que teríamos de observar e leccionar, iria haver uma reunião semanal em grupo – a orientadora com os dois estagiários – e uma reunião semanal dedicada a cada um de nós. Ficou ainda feita a sugestão de leitura do livro *Classroom Observation Tasks* (Wajnryb, 1992) que, como o título indica, serviria de base para a primeira fase do estágio, ou seja, a observação de aulas.

A reunião fez-se num tom cordial e bem-disposto, deixando prever uma abertura da orientadora em relação a quaisquer questões ou problemas que pudessem surgir no futuro.

III. 2. Caracterização da turma

A turma 11º 1, na qual leccionei Inglês era constituída por 28 alunos, 12 rapazes e 16 raparigas. Fui informado pela orientadora de estágio, mesmo antes de começar as minhas observações, que se tratava de uma turma bastante participativa e empenhada. De facto, e em termos gerais, comprovei o mesmo através da prática lectiva. A turma participava com agrado nas tarefas propostas e os resultados eram maioritariamente positivos. Ainda, e também no geral, a turma destacava-se pelo seu muito bom nível de língua – refira-se que 5 alunos teriam pertencido ao antigo quadro de mérito da escola.

Paradoxalmente, senti um enorme entusiasmo por ter a oportunidade de trabalhar com uma turma com estas características e, em simultâneo, fiquei um pouco apreensivo, uma vez que a mesma exigia muita atenção e preparação do professor e, sobretudo, que este desse um *feedback* constante das múltiplas intervenções que se íam fazendo ao

longo da aula. Contudo, o lado positivo ultrapassava largamente estes receios e, seguindo as palavras de incentivo da orientadora, tratava-se de uma turma excepcional e com a qual dava bastante gosto trabalhar.

III. 3. Aulas Observadas

As aulas que observei na turma de Inglês foram, efectivamente, bastante úteis para conhecer melhor a turma na qual iria leccionar e, em simultâneo, a prática pedagógica da orientadora de estágio. Posso afirmar que foi uma fase decisiva no que toca à preparação para a prática lectiva e que, sem a qual, não estaria tão bem preparado para a iniciar posteriormente. De facto, apercebi-me na prática que as salas de aula são “complex arenas where many processes co-occur and overlap. It takes a skilled and trained eye to perceive, understand and benefit from observing the proceedings of learning/teaching” (Wajnryb, 1992). Logo, esta fase permitiu-me reflectir acerca de métodos e metodologias de ensino, não só tendo em conta o comportamento dos alunos, mas também do professor.

Resumidamente, e embora tivesse já essa noção, verifiquei que o comportamento do professor se deve adequar à turma, sendo fundamental para a motivação dos alunos e, portanto, para o bom funcionamento das aulas.

III. 3.1 Metodologia

Como ficou estabelecido no início do ano lectivo, a função dos estagiários seria, primeiramente, observar. Tendo a vantagem de poder observar as aulas a partir do fundo da sala, concluí que essa posição seria a ideal para captar todos os pormenores de acontecimentos ao longo das aulas. Além de ter um campo de visão bastante amplo, o que me permitia analisar e registar várias situações em simultâneo, conseguia pôr-me no papel de aluno e observar também a orientadora.

Ficou também definido que os registos de observações seriam, na sua maioria, feitos de modo livre e que, em casos mais específicos, deveríamos usar *observation tasks* seleccionados, com tabelas ou gráficos, tal como sugerido na obra já indicada. Essas observações seriam depois discutidas nos seminários semanais.

Além do que já foi referido, é importante mencionar que apesar do objectivo principal ser a observação, haveria total liberdade da parte dos professores estagiários para intervir nas aulas da orientadora sempre que necessário.

III. 3.2 Observação dos alunos

Através da observação dos alunos pude chegar a conclusões bastante positivas acerca da turma que, em última análise, estavam de acordo com as indicações da orientadora (cf. Anexo 1).

Constatei, em primeiro lugar, que se tratava de uma turma bastante participativa e, à excepção de poucos alunos, a maioria era bastante competente no que diz respeito ao Inglês, tanto a nível oral como escrito. De facto, concluí que é necessário prestar atenção a todos os alunos e respectivos domínios de língua, uma vez que nem todos demonstram a mesma proficiência. Portanto, mesmo com uma turma em que o nível médio de língua é muito bom, há que ter em conta os alunos que apresentam mais dificuldades a este nível e saber integrá-los nas aulas e ajudá-los a participar mais activamente.

Reflecti também acerca de outra característica inerente aos alunos desta turma – tal como tinha sido advertido pela orientadora – que é o facto de os mesmos serem conversadores. No entanto, verifiquei que esse factor não prejudicava o bom funcionamento das aulas nem a aprendizagem dos alunos, uma vez que os resultados continuavam a ser bastante positivos, não apenas em tarefas escritas, como também ao nível da qualidade das intervenções em sala de aula – tal se deve, em última análise, à intervenção equilibrada da professora e aos limites já bem definidos desde o início do ano lectivo.

Por último, concluí que a relação entre os alunos, incluindo aqueles que nela estavam há menos tempo, era bastante próxima. Especialmente em trabalhos de grupo, notei um grande sentido de entreajuda. Constatei que os alunos com melhores notas tentavam ajudar os outros com mais dificuldade, não só na elaboração das tarefas mas também dando-lhes oportunidade de participar em maior escala na apresentação dos trabalhos.

III. 3.3. Observação da professora

Posso afirmar que, se a observação dos alunos foi proveitosa, a observação da prática da orientadora enquanto professora foi igualmente útil (cf. Anexo 2). Pude reflectir acerca de algumas práticas constantes, nomeadamente:

No que diz respeito ao início de cada aula: verifiquei que a professora começava as aulas de maneira mais informal, conversando com os alunos à medida que estes entravam na sala. Preocupava-se em saber da sua rotina escolar (uma vez que era directora de turma) e ouvia-os com atenção aquando de algum problema. De seguida, e quando necessário, recapitulava a aula anterior de modo a integrar no trabalho já realizado os alunos que pudessem não ter estado presentes e, ao mesmo tempo, relembrar os que tinham estado. Além disso, havia sempre a preocupação de iniciar a aula de maneira interessante, usando para isso imagens, questões abertas ou outras actividades que suscitasse a participação e o interesse da turma.

No decorrer das aulas, concluí que a professora aceitava as opiniões discordantes dos alunos, quando as mesmas eram coerentes. Revelava abertura em relação às suas necessidades e dificuldades e incentivava-os, sempre que necessário, quando hesitavam em participar e, sobretudo, quando isso se devia ao receio de errar.

Por último, e após realizar um exercício de observação proposto por Scrivener em *Learning Teaching* (Scrivener, 1994), no qual o objectivo é absorver algumas qualidades do professor observado e, também, propor-lhe uma qualidade que complemente as que já possui, concluí o seguinte: no que toca a qualidades que eu próprio gostaria de ter, denotei a aparente facilidade com que a professora equilibrava momentos de trabalho com momentos de mais descontração na sala de aula. A meu ver, isso torna-se fulcral, pois é muito importante para professores e alunos poderem descontrair quando necessário, sem que, no entanto, haja um completo desvio dos objectivos para aquela aula.

Outra característica inerente à professora era a sua capacidade de, após várias intervenções dos alunos, saber dar um *feedback* oportuno e global, complementando com outros pontos que pudessem ser úteis. Na minha opinião, essa é uma capacidade bastante difícil de adquirir e, nas palavras da professora, algo que se adquire apenas com a prática constante.

Para finalizar esta reflexão, sugeri à professora a utilização de uma maior variedade de recursos tecnológicos. Apesar de estes não serem uma ferramenta essencial, podem constituir uma mais-valia importante nas aulas, nomeadamente a nível do interesse e interacção dos alunos, uma vez que se torna motivante trabalhar com meios que usam no seu dia-a-dia (Internet, Power Point, filmes, músicas, etc.). Além disso, podem facilitar o trabalho do professor e tornar as aulas não só mais interessantes e apelativas, como também mais produtivas.

III. 3.4. Conclusão

O período de observação foi-me bastante útil e considero que, sem o mesmo, não estaria tão bem preparado para iniciar a fase seguinte do estágio, ou seja, leccionar. Permitiu-me conhecer melhor a turma e, conseqüentemente, preparar-me para enfrentar certos obstáculos, tal como o facto de se tratar de uma turma muito conversadora. Tive ainda a oportunidade de reflectir acerca de comportamentos e papéis que o professor deve desempenhar e, logo, ganhar uma certa maturidade que, numa análise posterior, me foi essencial ao longo da minha experiência como professor. Compreendi que desenvolver competências de observação serve dois objectivos, ou seja, “it helps teachers gain a better understanding of their own teaching, while at the same time refines their ability to observe, analyse and interpret, an ability which can also be used to improve their teaching” (Wajnryb, 1992).

III. 4. Aulas leccionadas

Após o período de observação passei, então, à fase seguinte – leccionar. Posso afirmar que foi uma fase bastante produtiva e que, além de me ter permitido pôr em prática tudo o que tinha aprendido anteriormente, fruto dos registos de observações e das discussões com a orientadora e com o meu colega de estágio, permitiu-me também adquirir novos conhecimentos e reflectir acerca de métodos e práticas de ensino.

III. 4.1. O processo de inserção na turma

A inserção na turma como professor foi um processo gradual, uma vez que, numa primeira fase, leccionei em conjunto com o outro professor estagiário. Apesar de

já ter, por diversas vezes, intervindo em aulas – nomeadamente no período de observação – não tivera ainda a possibilidade de me posicionar na frente da sala de aula e, efectivamente, leccionar. Este início no qual as aulas foram partilhadas foi, portanto, decisivo para ganhar a confiança e autonomia necessárias para que pudesse leccionar sozinho.

III. 4.1.1. Primeira aula

A primeira aula na qual realmente intervimos como professor, em conjunto com o meu colega de estágio, esteve subordinada ao tema “discriminação na sociedade actual.” Para esta aula, pensámos em algo um pouco diferente do que tinha sido feito até àquele momento e, de certa maneira, teria de ser uma aula que englobasse todo o tema, já que nos coube fazer a conclusão do mesmo. Para isso, reservámos o auditório e resolvemos fazer um debate com base num vídeo actual através do *youtube*. O vídeo retratava o caso de Susan Boyle, que teria sido discriminada pela sua aparência e, como já se esperava, o caso já era conhecido por praticamente todos os alunos. Logo, tirámos proveito disso e conseguimos que toda a turma participasse com bastante interesse.

O nosso papel como professores foi, intencionalmente, simplificado. A tarefa principal seria conduzir o debate e colocar questões oportunas – já previamente preparadas em conjunto com a orientadora. Sabíamos também que, a qualquer momento e em caso de necessidade, teríamos o auxílio da mesma, o que me potenciou um sentimento de segurança e autoconfiança.

No geral, considero que esta aula foi bastante positiva. Não só em termos pessoais e de autoconfiança, como em termos de proveito para os alunos – refira-se que os mesmos participaram e demonstraram interesse e, inclusive, sugeriram outros vídeos relacionados com o tema que, nessa mesma aula, foram vistos e analisados.

III. 4.1.2. Segunda aula

A segunda aula na qual participei como professor, também em conjunto com o meu colega de estágio, teve como tema a “sociedade multicultural.” O desafio era agora maior, já que nesta aula o professor teria de assumir um papel mais central e não apenas de mediador.

A aula foi positiva especialmente em termos pessoais e até talvez mais que a anterior, uma vez que me possibilitou crescer em termos de autonomia. Para leccionar este tema, apesar de não o ter feito sozinho, senti uma maior independência da orientadora de estágio. O trabalho de preparação foi, portanto, mais autónomo e consequentemente acarretava mais riscos. No entanto, tudo decorreu de maneira normal: desde a actividade de *warm up* – que incluiu um *brainstorming* acerca do tema da aula – até a alguns exercícios propostos no manual de Inglês, passando por outros criados por nós.

Resumindo, esta aula foi mais um pequeno passo em direcção a um dos objectivos do estágio: ganhar autonomia como professor. De facto, foi um passo essencial, pois permitiu-me pôr em prática alguns dos exercícios estudados nos seminários de preparação para o estágio.

III. 4.1.3. Terceira aula

Esta aula foi, definitivamente, uma das etapas mais importantes do meu estágio. Apesar de ainda não ter leccionado sozinho, já que tive a ajuda da orientadora em momentos chave da aula, pude ser bastante mais autónomo no que diz respeito à preparação e condução da mesma (cf. Anexo 3).

Uma vez que, na aula anterior se tinha trabalhado o poema “The Cultivation of Christmas Trees”, resolvi trazer um outro poema, intitulado “Children’s Song” de R.S. Thomas, pois pensei haver algumas semelhanças interessantes entre os dois textos que poderiam ser analisadas em aula. Preparei uma ficha de trabalho, onde incluí um exercício de resumo. De facto, e como afirma Harmer, este tipo de exercícios é de extrema importância: “It is considered vitally important to train students in these skills (e.g. the ability to understand what is important even though the reader cannot understand everything) since they may well have to comprehend reading in just such a situation in real life” (Harmer, 1991). Além disso, preparei uma música cuja letra se poderia também relacionar com os poemas lidos – “High Hopes” da banda britânica Pink Floyd (EMI, 1994).

Posso concluir que este desafio foi superado, uma vez que a aula se desenrolou de forma interessante e os alunos participaram com interesse nas actividades propostas, ou seja, tanto na análise e comparação dos dois poemas, como posteriormente na análise

e enquadramento da música no contexto estudado. Verifiquei ainda que, depois desta experiência, estava preparado para enfrentar o próximo desafio, que seria leccionar toda uma aula do início ao fim.

III. 4.2. Primeira unidade: *The Landlady*

Uma vez que o meu tema para o relatório se prende com o uso de histórias em aulas de LE, sugeri que fosse eu a leccionar a parte do programa referente à obra de leitura obrigatória: o conto *The Landlady* (Roald Dahl, 1962). Após leitura atenta e análise do mesmo (uma vez que não conhecia), e com o aval e ajuda da orientadora, planifiquei as aulas e os materiais necessários para leccionar esta unidade (cf. Anexo 4).

III. 4.2.1. Introdução ao conto

De maneira a introduzir o conto, preparei a primeira aula com exercícios de *prereading*. Dei especial atenção à preparação desta fase da aula, uma vez que “if we wish to give students real practice in reading [...], the type of text and reading activities we employ in the classroom must be appropriate” (Matthews, Spratt & Dangerfield, 1985). O objectivo era claro: estimular o interesse e a curiosidade dos alunos para a leitura do conto. Achei óbvio que não poderia iniciar o estudo de uma obra sem que houvesse um estímulo prévio à sua leitura, muito menos tratando-se de uma obra para leitura integral. Aliás, essa ideia já me teria sido transmitida aquando da frequência do seminário de Didáctica e Metodologia do Ensino do Inglês, no qual tinha estudado a importância das actividades de preparação. Com isto em mente, preparei as seguintes actividades (cf. Anexo 4):

1. Com o título da obra escrito no quadro, os alunos discutem o seu possível significado;
2. Com base numa imagem, capa da colectânea onde a obra se insere (cf. Anexo 4) e no título previamente dado, os alunos especulam sobre o possível conteúdo da história;
3. Aos alunos, divididos em grupos, e tendo em conta a discussão prévia, é pedido que construam um possível guião (para isso, são-lhes também fornecidas algumas palavras-chave da história);

4. Após leitura e apresentação dos resultados de cada grupo, os alunos comparam os seus guiões com o início original da história;
5. Realização de uma ficha de trabalho para testar a compreensão da leitura inicial do conto (cf. Anexo 4).

Com todas as actividades cumpridas, os alunos ficaram curiosos acerca da continuação da história – o objectivo teria sido alcançado. Além disso, os resultados visíveis ultrapassaram em muito as minhas expectativas. Todos os grupos de trabalho apresentaram guiões tão completos que se podiam considerar como resumos de histórias. No entanto, após uma reflexão e auto-análise da minha prestação, cheguei à conclusão que, em termos de ensino, teria ainda muito que melhorar, nomeadamente no que diz respeito ao meu à-vontade com a turma e à minha capacidade de lhes dar um *feedback* seguro e oportuno no desenrolar da aula – era esta uma das características muito positivas que tinha observado nas aulas da orientadora de estágio.

Após esta primeira aula, e apesar dos resultados aparentemente muito positivos, consciencializei-me que teria ainda muito trabalho e melhorias a fazer ao nível da execução das aulas.

III. 4.2.2. Análise e desenvolvimento

As aulas seguintes, nomeadamente três blocos, destinaram-se à análise e desenvolvimento do conto. Tendo já feito uma breve introdução ao mesmo, e os alunos tendo já uma ligeira noção daquilo que iriam ler, avancei para o estudo mais específico do texto, no qual tentei incluir aspectos não apenas de conteúdo, mas também linguísticos e gramaticais, uma vez que o estudo não se poderia limitar ao desenvolvimento da história em si, mas teria também de contemplar aspectos relacionados com a prática e o desenvolvimento de competências de língua.

III. 4.2.2.1 Primeira aula

Nesta primeira aula de desenvolvimento do conto, e no seguimento das observações de aulas da orientadora, decidi começar com uma recapitulação da aula

anterior, de modo a lembrar todos os pontos mais importantes. Esta escolha revelou ser acertada, já que foi útil no sentido de captar a atenção da turma logo desde o início.

De seguida, e para isso reservei o auditório da escola, mostrei um excerto de um filme que retrata a história que iríamos estudar, com o título homónimo. O objectivo de usar o filme logo nesta aula era simples: estabelecer uma ponte com o texto e, ao mesmo tempo, estudar as possíveis semelhanças e diferenças entre ambos. Este objectivo inicial foi cumprido, uma vez que o entusiasmo dos alunos era visível na sua participação activa. Por outro lado, quis comparar as expectativas dos alunos do pouco que já sabiam da história e das personagens com caracterizações visuais explícitas – o que acabou por gerar, na minha opinião, mais interesse pela história.

Gostaria de destacar uma sequência de exercícios que obteve resultados muito positivos:

1. No primeiro excerto, que se traduziu no primeiro contacto com o filme, os alunos foram apenas questionados acerca das suas expectativas, ou seja, se aquele excerto, de facto, correspondia àquilo que esperavam em termos de cenário e caracterização de personagens;
2. No segundo excerto (mostrado sem som) os alunos tinham a tarefa de prestar atenção aos gestos e expressões das personagens, de modo a apreender a situação;
3. Com base no segundo excerto, e após uma breve discussão acerca das personagens, foi-lhes pedido que, em grupo, imaginassem e redigissem um pequeno diálogo;
4. Após a leitura em voz alta dos vários diálogos, foi-lhes mostrado o mesmo excerto, desta vez com som, para que se pudesse comparar os diálogos produzidos com as falas efectivas das personagens.

A meu ver, esta sequência de exercícios foi muito útil para, mais uma vez, captar a atenção dos alunos para a história. Através da análise posterior dos diálogos produzidos, pude verificar, e até com alguma surpresa, que estavam bastante semelhantes aos do filme. Por um lado, revela que estavam atentos e conseguiram absorver a essência do que observaram e, por outro, revela também as suas capacidades ao nível da língua, uma vez que, em termos linguísticos, conseguiram fazer transparecer uma situação formal para os seus diálogos.

Apesar dos nervos iniciais e do facto de o plano de aula ser longo e exigir bastante disciplina, penso poder concluir que os objectivos foram amplamente cumpridos. Outro ponto importante foi o sucesso do uso do excerto do filme, que, nas palavras de Bouman, “besides being such na authentic medium, video is also a powerful and entertaining medium” (Bouman, 1990).

III. 4.2.2.2 Segunda aula

A aula a que agora me refiro foi, na sua essência, uma aula de discussão. De facto, e contrariamente às minhas expectativas, foi talvez a aula mais produtiva de toda a unidade. O entusiasmo e curiosidade crescentes dos alunos era notória e esse foi um factor essencial para o seu envolvimento ao longo do estudo do conto. Para isso, foram fundamentais os exercícios de *scanning*, permitindo que os alunos fossem desvendando, a pouco e pouco, as várias pistas presentes na obra. Como afirmam Matthews, Spratt e Dangerfield, é fundamental diversificar os vários *skills* de leitura – “The important thing is that every reading exercise we set out students, whatever their level, should have the clear aim of developing one or more of the specific subskills of reading and not just leave their development to chance” (Matthews, Spratt & Dangerfield, 1985).

Desde o início da aula – com o resumo oral do excerto da última sessão – que a participação dos alunos foi bastante elevada. Penso que a chave para este sucesso foi a leitura faseada do conto, ou seja, o mesmo ía sendo desvendado à medida que o estudo avançava. Outro motivo, na minha opinião, deveu-se a uma característica intrínseca da história: estava repleta de ambiguidades e pistas para acontecimentos futuros, o que tornou a sua leitura mais aliciante. Além disso, adjectivos como *odd*, *queer*, *strange* ou *awkward* são termos recorrentes, contribuindo para a construção de um ambiente misterioso.

Resumindo, a curiosidade em relação ao desfecho da obra estava, tal como tinha planeado, a crescer. Daí os elevados níveis de interesse e participação. Simultaneamente, penso que a minha prestação como professor e à-vontade na turma se desenvolveu em igual proporção à curiosidade dos alunos, facto que me deixou muito confiante para as aulas seguintes.

III. 4.2.2.3 Terceira aula

Uma vez que seria conveniente abordar um item gramatical ao longo da unidade, pensei que nesta aula seria oportuno fazê-lo por várias razões: em primeiro lugar, o perigo de desmotivar os alunos com exercícios de gramática era menor nesta fase, pois os mesmos estavam já bastante motivados; de seguida, a própria estrutura do texto oferecia mais possibilidades de estudo em termos gramaticais devido ao ponto em que estávamos; e por último, não faria muito sentido incluir gramática na aula de reflexão e conclusão da obra.

Uma vez feita esta escolha, e após analisar o texto atentamente para decidir qual o ponto gramatical mais pertinente, cheguei à conclusão que a melhor opção seriam os *modal verbs*. Por um lado, fazia parte do programa para aquele nível de ensino e, por outro, o texto é rico em exemplos, desde mais simples a mais complexos.

Feito o plano de aula, restava-me preparar os materiais. O facto de a gramática ter de ser contextualizada foi o mais difícil de ultrapassar, uma vez que não tinha ainda muita prática nesse processo. Logo, requereu um trabalho muito aplicado e minucioso da minha parte. Contudo, e após a ajuda da orientadora neste pequeno obstáculo, concluí a ficha de trabalho necessária para a aula (cf. Anexo 4)

Decidi também incluir nesta aula, de maneira a que a mesma não se cingisse apenas à prática gramatical, um exercício de pesquisa no texto e outro de audição com base num excerto do filme, com o objectivo de praticar algumas expressões aparentemente menos comuns na língua inglesa (cf. Anexo 4)

No geral, a aula foi produtiva e a turma correspondeu às expectativas em termos de participação, empenho e resolução dos exercícios propostos.

III. 4.2.3 Conclusão do conto

Para esta última aula da unidade que me cabia leccionar deparei-me com uma questão constante – como concluir o estudo da obra? Era um desafio, de facto, uma vez que tinha de pensar num método de a concluir de maneira reflexiva, de modo a criar uma reflexão geral da mesma. Teria, além disso, de pensar num método de avaliar a leitura do conto. Com o apoio e algumas sugestões da orientadora, cheguei à conclusão que o melhor método seria combinar essa vertente reflexiva com a avaliação final.

Logo, uma ficha de trabalho com um tópico de desenvolvimento relacionado com a obra pareceu-me o ideal (cf. Anexo 4). É importante realçar que tentei seleccionar tópicos que dessem aos alunos a oportunidade de fazer uma reflexão da obra e, em simultâneo, incluir raciocínios e opiniões próprias, pois os leitores “encode texts by placing them in the context of their previous knowledge. Included in this prior knowledge is their storehouse of prior narratives from personal experience, including previous readings” (Gallas & Smagorinsky, 2002).

Contudo, a aula não se limitaria a isso. Além de exercícios progressivos de pesquisa no texto, de modo a chegar ao seu clímax, fui reunindo as várias opiniões dos alunos em relação a um possível final. De seguida, depois de o desfecho ser desvendado, achei pertinente compará-lo com o final do filme – refira-se que, enquanto a obra original apresenta um *cliffhanger ending*, deixando o leitor à deriva, o filme oferece uma conclusão real e definitiva. De facto, e após os comentários dos alunos em relação aos dois finais, concluí que este exercício de comparação foi bastante útil e uma mais-valia para finalizar o estudo da obra.

Em jeito de breve reflexão, posso afirmar que a aula decorreu de acordo com as expectativas criadas – tanto da minha parte como, penso eu, e de acordo com a reacção da turma, da parte dos alunos. Foi uma aula produtiva, participada e, penso poder dizê-lo, esperada por toda a turma.

III. 4.2.4. Avaliação

Ao longo da unidade foi necessário criar instrumentos de avaliação para, mais tarde, serem incluídos na avaliação sumativa do 2º período. Para esse efeito, e após discussão com a orientadora, diferenciámos dois tipos de avaliação. Uma seria de carácter mais informal, sob a forma de registos livres a partir das aulas – essa parte ficaria a cargo da orientadora. Outra teria uma vertente mais formal, ou seja, teria de ser realizada em momentos específicos e com critérios bastante bem definidos. No que diz respeito a este ponto, posso afirmar que me tornei ainda mais consciente, pois a avaliação é um factor essencial no processo de ensino-aprendizagem: “Assessment can affect what we teach, how we teach and our learners’ motivation for learning. It is very important for tests to have a good influence on teaching and learning” (Spratt, Pulverness & Williams, 2005). Optei por adoptar os critérios do departamento de

línguas da ESFMP, nomeadamente os que dizem respeito à avaliação da escrita, uma vez que a mesma é feita separadamente por competências. Segundo estes critérios, num exercício de *writing* seriam contabilizados um total de 50 pontos, sendo avaliadas duas componentes: a competência linguística, que corresponde a 20 pontos; e a competência pragmática, correspondente a 30 pontos.

Portanto, nesta unidade, concebi dois momentos de avaliação formal. O primeiro reporta-se à aula de introdução ao conto, na qual os alunos escreveram possíveis guiões a partir de palavras-chave previamente dadas; o segundo refere-se aos textos produzidos na última aula, tendo como ponto de partida um tópico à escolha.

Em relação à primeira avaliação, gostaria apenas de realçar o facto de o trabalho ter sido feito em grupo. Logo, a avaliação torna-se mais subjectiva, não deixando porém de ser válida. No que diz respeito aos resultados, como já referido, ultrapassaram largamente o expectável.

A avaliação final teria logicamente de ser individual. Penso ser importante sublinhar que a escolha dos diferentes tópicos foi feita de maneira bastante criteriosa. Com isto quero dizer que houve a preocupação de colocar tópicos distintos ao nível da complexidade e exigência linguísticas e do estilo de escrita pretendido, tentando com isso salvaguardar os vários níveis de domínio de língua dos alunos da turma.

Os resultados foram, a par da avaliação anterior, bastante positivos (cf. Anexo 5). Após ter analisado os textos e, mais especificamente, a escolha dos tópicos, verifiquei que a maior parte dos alunos escolheu os mais complexos, o que mais uma vez comprova a excelência da turma no âmbito do Inglês.

III. 4.2.5. Reflexão

Como reflexão geral desta unidade leccionada, penso ser importante salientar alguns pontos positivos, pois a prática lectiva constante traduziu-se no desenvolvimento de várias competências.

Em primeiro lugar, no que diz respeito à autonomia na planificação das aulas e didactização dos materiais. Verifiquei uma evolução neste ponto, especialmente em termos de criatividade, embora tivesse sempre o apoio necessário por parte da orientadora.

A nível da relação pedagógica, os objectivos foram também alcançados. Consegui estabelecer com sucesso a minha autoridade como professor na turma – este era, segundo a orientadora, um dos objectivos primários do início da prática lectiva.

No que toca à execução das aulas, considero que cresci bastante em termos de eficácia, embora tivesse identificado a segurança a leccionar como um ponto a melhorar.

III. 4.3. Segunda unidade leccionada: pinturas de Paula Rego

Ao iniciar a segunda unidade, surgiu-me uma questão: como preparar um trabalho mais livre e criativo e, ao mesmo tempo, integrado no programa? Foi desta maneira que considerei a pintura, mais propriamente de Paula Rego, como base das aulas que iria leccionar. Por um lado, o potencial artístico e criativo dos quadros seria um bom ponto de partida para estimular o interesse dos alunos e, por outro, conseguiria adaptar facilmente os materiais ao tema do programa que estava a ser tratado – o mundo da publicidade – e posteriormente desenvolvê-los de modo a abranger a escrita criativa, uma área que me interessava bastante explorar. Além disso, teria ainda uma grande vantagem, que seria o facto de poder relacionar toda esta unidade com a visita de estudo à *Casa das Histórias de Paula Rego* em Cascais, sendo que as aulas serviriam também de preparação para a visita. O facto de a pintura desta artista possuir características reconhecidamente narrativas também foi um argumento decisivo nesta opção.

Uma vez que o fim do estágio se aproximava, e era preciso rentabilizar as horas restantes devido à partilha das aulas com o meu colega, teria apenas disponíveis duas aulas para leccionar esta unidade, sendo que poderia, mais tarde, dispor de uma aula extraordinária em caso de necessidade.

III. 4.3.1. Primeira parte: “creating an ad”

Como já referido, o tema do programa que estava a ser tratado prendia-se com a publicidade. Logo, teria de pensar numa maneira de integrar a obra de Paula Rego nesta temática. Uma vez que, em aulas anteriores, os alunos já tinham realizado trabalhos de pesquisa e análise de anúncios publicitários, pensei que o mais lógico, e mesmo para dar seguimento ao trabalho já feito, seria propor-lhes que criassem o seu próprio anúncio

com base em quadros. Para esse efeito, procurei seleccionar obras com características específicas (quadros que, por exemplo, incluíssem elementos mais subjectivos), pois dariam azo a uma maior criatividade.

III. 4.3.1.1. Metodologia

Ao contrário da unidade anterior, na qual optei por uma postura mais interventiva na condução das aulas, decidi, devido a um tipo de trabalho que pressupõe mais criatividade e autonomia da parte dos alunos, adoptar uma postura mais distante e, com isso, deixá-los mais autónomos nos grupos de trabalho. Como afirma Harmer (1991), “we can talk about the teacher as a tutor in the sense of someone who acts as a coach and as a resource where students are involved in their own work, and call upon the teacher mainly for advice and guidance”. Na minha opinião, este tipo de trabalho aumentaria a produtividade, uma vez que levaria a uma maior valorização não só do processo criativo mas também do produto final, ao mesmo tempo que aumentaria a cooperação e a comunicação nos grupos – “When all students in a group are working together [...] they will be communicating with each other and more importantly co-operating among themselves. Students will be teaching and learning in the group exhibiting a degree of self-reliance that simply is not possible when the teacher is acting as a controller” (Harmer, 1991). Em resumo, esta aula baseou-se no seguinte (cf. Anexo 6):

1. Recapitulação do trabalho já realizado no âmbito do tema “advertisement” e enquadramento do mesmo na aula;
2. Com base em quadros de Paula Rego e numa ficha de trabalho (cf. Anexo 6), os alunos criam o ser próprio anúncio;
3. Apresentação dos trabalhos finais para a turma.

No final da aula, e com vista à avaliação dos trabalhos, foi necessário que acompanhasse e conduzisse mais atentamente todo o processo, colocando, por exemplo, questões oportunas e dando também algum *feedback*. Pude concluir que o trabalho autónomo dos alunos tinha dado bons resultados – todos os trabalhos estavam bastante bem elaborados e criativos e, tal como esperei, verifiquei que não só os vários grupos de trabalho se esforçaram no sentido de apresentar os trabalhos, como também a turma se mostrou interessada em todos os trabalhos discutidos.

III. 4.3.1.2. Avaliação

De modo a avaliar os trabalhos dos alunos nesta actividade, pensei que o mais indicado seria através de uma apresentação oral. Logo, a avaliação revestia-se de contornos muito específicos, o que me levou a criar uma grelha própria de acordo com a especificidade do trabalho, ao invés de adoptar o método de avaliação da oralidade proposto pelo departamento de línguas da ESFMP. Com o apoio da orientadora de estágio, criei uma grelha de avaliação que contempla os seguintes aspectos: originalidade; fluência; e correcção. Contudo, havia ainda que pensar no que diz respeito ao peso de cada um dos parâmetros e, após alguma reflexão, optei por aquilo que me pareceu mais lógico de acordo com este trabalho específico. Num total de 30 pontos (depois convertidos em valores), atribuí 12 ao primeiro parâmetro, originalidade, uma vez que o mais importante seria um resultado criativo. À fluência atribuí 10 pontos e, por fim, 8 pontos à correcção. Tomei esta opção porque considerei que o fundamental seria que houvesse comunicação e que a mensagem fosse correctamente transmitida. O facto de poder haver erros, e desde que os mesmos não implicassem falhas na comunicação, não deveria ser o alvo da avaliação.

Como já referido, os resultados foram muito positivos. Houve um envolvimento geral da turma e mesmo alguns alunos cuja competência linguística não era tão elevada conseguiram ultrapassar as dificuldades e ter um aproveitamento bastante positivo (cf. Anexo 6).

III. 4.3.2. Segunda parte: *Creative Writing*

Para a segunda aula desta unidade (cf. Anexo 7), pensei em realizar uma tarefa relacionada com escrita criativa com base nos quadros de Paula Rego. Pensei nesta actividade porque motivaria os alunos, visto ser algo diferente do tipo de trabalho a que estavam habituados – “The strategy of ‘reading’ a picture [...] may be known but underused by many reading teachers” (Piro, 2002). Apesar de ser um trabalho exigente e que requer bastante empenho, e conhecendo já o enorme potencial criativo dos alunos, não tive dúvidas de que seriam capazes de o realizar com êxito. Esta aula teria ainda, a par da aula anterior, a vantagem de dar a conhecer algumas obras da pintora como maneira de os envolver na temática e, simultaneamente, preparar a visita de estudo que se aproximava.

III. 4.3.2.1. Metodologia

À semelhança da aula anterior, optei por uma postura mais distante, deixando os alunos mais autónomos em todo o processo e intervindo apenas quando necessário, como por exemplo para esclarecimento de dúvidas. Após alguma selecção dos quadros que iriam servir de base para os textos, preparei uma ficha de trabalho com os passos necessários para orientar o trabalho dos alunos, pois “perhaps the most important and difficult role the teacher has to play is that of organiser. The success of many activities depends on good organisation and on the students knowing exactly what they are to do” (Harmer, 1991). A sequência de trabalho foi a seguinte (cf. Anexo 7):

1. Discussão do conceito de *creative writing* e seus pressupostos;
2. Divisão da turma em grupos;
3. Descrição dos quadros usando adjetivos e emoções que possam suscitar;
4. Organização de um guião com os elementos básicos (personagens, local, tempo e conflito central);
5. Produção das histórias.

Penso que é importante referir que, em relação à divisão da turma em grupos, optei por ser eu a definir os mesmos (cf. Anexo 7). Esta decisão baseou-se não apenas no facto de já conhecer a turma e saber de antemão que iria haver entreajuda entre os alunos, mas também em duas grandes vantagens. Em primeiro lugar, considerei que teria enormes vantagens para alunos com mais dificuldades, uma vez que tentei equilibrar os grupos em termos dos diferentes graus de proficiência. Em segundo lugar, seria uma oportunidade para que os alunos trabalhassem com pares diferentes, pois neste tipo de actividade havia a tendência, desde o início do ano lectivo, para que se agrupassem de acordo com os seus lugares na sala de aula.

No que diz respeito à aula em geral, considero que o trabalho foi bastante produtivo e houve um total empenho dos alunos em cumprir as tarefas propostas, desde a discussão inicial até à produção do texto final. Para tal contribuiu a própria ideia adjacente à escrita criativa, que pressupõe a imaginação como o único limite – Creative writing is that type of writing that spells out in words what can be but isn’t, what could have happened but didn’t” (Fielding, 2007). Penso que as tarefas de descrição dos quadros e organização de um guião foram essenciais para o desenrolar da aula, uma vez

que os alunos, apesar de poderem não se aperceber, já estavam a trabalhar com vista ao objectivo final, ou seja, a redacção das histórias.

III. 4.3.2.2. Avaliação

No que toca à avaliação, a mesma foi feita através dos textos criados pelos alunos. Sendo uma actividade escrita, apliquei os parâmetros de avaliação propostos pelo departamento de línguas da ESFMP, tal como na unidade anteriormente leccionada. Os resultados excederam toda e qualquer expectativa. Todas as histórias, para além de estarem bastante bem redigidas em termos de língua, demonstraram uma enorme criatividade (cf. Anexo 7).

Pude concluir que a estratégia definida para esta aula teve dividendos muito positivos, desde a opção de permitir aos alunos um trabalho mais autónomo e criativo até ao facto de ter seleccionado os grupos de trabalho. Na minha opinião, este último ponto foi extremamente importante, já que permitiu que alunos com mais dificuldades pudessem trabalhar em grupo com outros com mais facilidade ao nível da língua inglesa. Tal como esperado, os membros dos grupos de trabalho trabalharam em equipa e verificou-se uma atitude constante de entreajuda.

III. 4.3.2.3. Gravação das histórias

Estava planeada uma outra actividade no âmbito desta unidade que, especificamente, seria gravar as histórias em formato mp3 com vista a uma futura apresentação multimédia para a comunidade escolar. Com a ajuda do professor José Fernandes, responsável pelos meios informáticos da escola, chegou a ser feita uma primeira tentativa de gravação que, contudo, não obteve a qualidade necessária para o efeito desejado. Estando o fim do ano lectivo a aproximar-se e não havendo mais aulas disponíveis, esta actividade teve de ser cancelada. Contudo, houve ainda tempo para organizar um compêndio com todas as histórias criadas pelos alunos, sendo que o mesmo está disponível na biblioteca da escola para que toda a comunidade o possa consultar.

III. 5. Visita de estudo à *Casa das Histórias*

Como já referido, e no âmbito do estágio em Inglês, preparei uma visita de estudo à *Casa das Histórias* de Paula Rego, em Cascais. A ideia foi-me sugerida pela orientadora da faculdade, a Prof.^a Doutora Ana Matos. Desde logo, pareceu-me algo bastante aliciante: primeiramente, tratava-se de uma exposição recentemente inaugurada em homenagem a uma das principais pintoras portuguesas contemporâneas, o que, por certo, iria suscitar o interesse da turma; poderia também explorar tipos de trabalho mais criativos em sala de aula; e por último, permitir-me-ia contextualizar a visita de estudo nas aulas da segunda unidade que teria de leccionar e, em simultâneo, no meu relatório de estágio.

Tendo tudo isto em mente, preparei a visita de estudo com o objectivo de a tornar o mais interessante possível para os alunos e, também, tendo em conta a necessidade de a correlacionar com as aulas que viriam a ser leccionadas.

III. 5.1. Preparação

De modo a preparar melhor a visita de estudo, visitei a exposição com a devida antecedência e, como já esperava, a mesma revelava-se bastante interessante, o que me deixou ainda mais empenhado nesta actividade. Depois de todos os aspectos formais tratados, ficou decidido que a visita seria realizada no dia 14 de Maio de 2010.

Após a segunda unidade leccionada – relembro que a mesma serviu para contextualizar a obra da pintora – tive a oportunidade de leccionar uma aula complementar antes da visita. Essa aula foi, efectivamente, uma mais-valia para os alunos no que diz respeito à sua motivação para a análise da obra de Paula Rego. Resumidamente, a aula consistiu nos seguintes pontos:

1. Leitura em voz alta das histórias criadas pelos alunos (já corrigidas);
2. Atribuição de títulos aos quadros já trabalhados;
3. Visionamento de uma reportagem acerca da pintura de Paula Rego.

Uma vez que as histórias criadas pelos alunos ainda não tinham sido comentadas ou usadas em aula depois da sua redacção, pensei que este seria o momento ideal para o fazer. Após a correcção e entrega das mesmas, os alunos leram-nas em voz alta explicando o modo como tinham passado do respectivo quadro para a história. Na

actividade seguinte, e já que algumas das suas obras já tinham sido trabalhadas (e sendo que os seus títulos não tinham ainda sido desvendados propositadamente), pensei num exercício de recapitulação desses quadros, aos quais os alunos deveriam atribuir títulos. Além disso, e aproveitando o facto de a pintora ser bilingue, decidi exhibir em aula uma curta reportagem na qual a autora falava dos seus quadros e, em específico, do seu método de inspiração.

Em suma, considero que foi uma aula interessante e produtiva a nível de trabalho e reflexão, sendo que os objectivos principais foram amplamente cumpridos: motivar a turma para a visita de estudo e, simultaneamente, concluir a unidade anterior com base nas pinturas de Paula Rego.

III. 5.2. Reflexão

Após a realização da visita de estudo, e analisando não apenas a mesma mas também todo um trabalho de preparação, considero que todas as metas propostas foram alcançadas. Primeiramente, no que toca à visita de estudo em si, observou-se o entusiasmo dos alunos e o seu empenho em participar e interagir com o guia, fazendo questões oportunas e que denotavam o seu interesse. Na minha opinião, todo este empenho foi fruto de toda a preparação, motivação e contextualização da obra de Paula Rego feita nas aulas anteriores, o que criou uma aproximação genuína entre as obras tratadas e os alunos, muito através dos exercícios de criação a partir das mesmas. Um dos aspectos a realçar é o facto de a visita ter sido guiada em inglês, o que, de certo modo, ajudou a torná-la mais motivante para os alunos, dando-lhes assim a oportunidade de comunicar em inglês num contexto bastante específico fora da sala de aula.

III. 6. Os seminários com a orientadora

Os seminários semanais com a orientadora de estágio, tanto individuais como em grupo, foram essenciais para toda uma reflexão constante ao longo do ano lectivo, desde a fase de observação até às aulas que leccionei. Houve sempre uma atitude reflexiva que, em última análise, me ajudou bastante na minha evolução como professor, fazendo-me questionar o porquê de determinadas práticas e opções que foram

surgindo tanto da parte da orientadora enquanto professora como da minha ou do meu colega estagiário.

De facto, a presença de outro professor estagiário foi uma enorme mais-valia em todo o processo evolutivo, pois esse facto traduziu-se em mais oportunidades de confrontar pontos de vista em relação a observações e práticas lectivas. Os seminários, quando em grupo, serviam exactamente de plataforma de reflexão conjunta e, segundo a minha opinião, esse foi um factor extremamente positivo ao longo do estágio, uma vez que era feito um acompanhamento a par e passo de praticamente todas as aulas observadas e leccionadas. É importante destacar o apoio sistemático na planificação de aulas, uma vez que é uma competência incontornável de um professor –“The best teachers are those who think carefully about what they are going to do in their classes and who plan how they are going to organise the teaching and learning” (Harmer, 1991). Penso que este trabalho pormenorizado e complexo permitiu criar aulas mais interessantes e também funcionais, visto que a experiência prática da orientadora enriquecia toda uma linha de pensamento por vezes ainda sem noção real dos seus possíveis efeitos na prática lectiva em sala de aula.

Para terminar este ponto, menciono ainda que os seminários serviram, ocasionalmente, para outros assuntos como, por exemplo, a discussão de matrizes de testes, resultados de testes já realizados pelos alunos ou ainda questões específicas relacionadas com a direcção de turma.

III. 7. Conselhos de turma

Uma vez que os conselhos de turma se realizavam, por norma, às quintas-feiras, não me foi possível participar na maior parte deles, já que estes dias se destinavam aos seminários de acompanhamento do estágio na faculdade. Contudo, e já perto do fim do estágio, tive a oportunidade de assistir a uma destas reuniões, mais concretamente a reunião final do segundo período. Na mesma, acompanhei atentamente a ordem de trabalhos e assisti a directora de turma na verificação de todas as avaliações que iriam ser lançadas. Além disso, expus ao conselho as linhas gerais da visita de estudo à *Casa das Histórias* a realizar em Maio, conseguindo a aprovação dos professores e mesmo o interesse de alguns em participar na mesma.

Capítulo IV – Estágio em Alemão

IV. 1. Início do ano lectivo

À semelhança do que aconteceu em relação ao início do estágio em Inglês, foi realizada uma reunião no dia 1 de Setembro de 2009, onde estavam presentes, além de mim, o meu colega de estágio e a orientadora responsável, a Dr.^a Esmeraldina Gralha, uma professora também com bastante experiência no que toca à orientação no âmbito da P.E.S.

Neste encontro ficaram delineadas as bases para o estágio: a turma que iríamos leccionar e respectivo horário, os seminários semanais para orientação de trabalho relacionado com as aulas, assim como o início das observações da turma. Ficou também acordado que as observações seriam feitas em forma de diário e posteriormente discutidas nos seminários, não sendo por isso necessária qualquer tarefa de observação mais específica, pelo menos no início.

A conversa realizou-se de maneira mais informal e ficou bem patente que seria um ano lectivo bastante trabalhoso, mas que teríamos todo o apoio necessário da orientadora em questões futuras.

IV. 2. Caracterização da turma

A turma 11º 5 apresentava, segundo a orientadora de estágio, bastantes problemas de motivação e mesmo de aprendizagem ao nível do Alemão. Numa turma tão pequena, com 9 alunos (apenas os que tinham escolhido esta língua estrangeira como opção) havia apenas duas alunas aparentemente mais motivadas e que participavam activamente nas aulas, sendo que os restantes pouco ou nenhum interesse demonstravam. Eu próprio já o tinha testemunhado aquando de uma visita à ESFMP no âmbito do seminário de Didáctica e Metodologia do Ensino do Alemão, na qual tive a oportunidade de observar esta turma. De facto, e após algumas observações já como professor estagiário, verifiquei que a turma estava ainda mais desmotivada comparativamente com o ano lectivo anterior – facto corroborado pela orientadora. Uma das causas para isso pode ser a dificuldade ao nível da própria língua, não só alemã como portuguesa, uma vez que alguns dos alunos eram provenientes dos PALOP. O facto de estes alunos terem de, em simultâneo, desenvolver uma língua e aprender outra

de raiz poderia ser um obstáculo. Contudo, e após alguma análise, verificou-se que os problemas de motivação se prendiam igualmente com outro tipo de problemas: estes alunos em específico, embora pertencentes a uma turma maior, não tinham um grande à-vontade entre si.

Resumindo, tratava-se de alunos com os quais era necessário insistir bastante ao nível do trabalho em sala de aula. O fraco grau de motivação seria um dos principais obstáculos a ultrapassar, mas, apesar disso, um dos desafios mais aliciantes com que me deparei em todo o meu período de estágio.

IV. 3. Aulas observadas e metodologia

A fase de observação na turma de Alemão foi essencial para o início da minha prática lectiva. Por um lado, e tratando-se de alunos pouco motivados e participativos, consegui reflectir acerca de algumas práticas que melhor se adaptavam à turma, assim como outras que poderiam não ter resultados positivos. Para esta reflexão foi principalmente útil a observação das aulas leccionadas pela orientadora, mas também as várias discussões sobre este assunto – visto que a mesma já conhecia a turma do ano lectivo anterior. Por outro lado, permitiu-me entender a dinâmica própria da turma e a relação entre os vários alunos, o que me poderia vir a ser bastante útil no futuro no que diz respeito à prática lectiva e, especificamente, a possíveis problemas na relação pedagógica.

No que diz respeito à metodologia de observação, e como já referido anteriormente, foi adoptado o método de escrita em forma de diário, ou seja, as observações seriam feitas livremente a partir de um ponto específico da sala. Do meu ponto de vista, foi vantajoso usar este tipo de observação, uma vez que na turma de Inglês iria, pelo contrário, observar com base em *observation tasks*. Logo, pareceu-me o ideal praticar a observação de aulas de duas maneiras distintas. Após alguma reflexão e prática de observação, pude concluir que ambas as estratégias se complementam. Apesar de, comparativamente, terem vantagens e desvantagens, não é possível afirmar que uma delas seja mais vantajosa, pois o mesmo depende do objectivo com que se observa. Por exemplo, para uma observação inicial e livre, é mais lógico observar em forma de diário. Contudo, se o objectivo se prender com um determinado aluno ou

situação na sala de aula, então será mais produtivo utilizar tarefas de observação mais específicas.

IV. 4. Aulas leccionadas

Após a fase de observação, passei então à etapa seguinte: leccionar. Embora tivesse um pouco de receio em não conseguir lidar com a turma, uma vez que a mesma exigia um empenho enorme e constante, posso afirmar que a vontade de trabalhar com estes alunos também era imensa. O desafio era grande, contudo a motivação era ainda maior.

IV. 4.1. Inserção na Turma

O processo de inserção na turma fez-se de forma gradual, à semelhança do que aconteceu com a turma de Inglês. Mais especificamente, após discussão com a orientadora de estágio, decidimos que a melhor maneira seria intervir em partes de aulas para leccionar alguns pontos mais específicos das mesmas. Deste modo, seria possível haver um processo mais confortável de crescimento como professor da turma. Destaco, nos pontos seguintes, duas partes de aula que leccionei e que me pareceram mais importantes nesse processo.

IV. 4.1.1. Aula de revisões de gramática

Nesta aula, coube-me preparar e leccionar a parte relativa às revisões de gramática, mais propriamente os *Possessivpronomen*. Para tal, pesquisei alguns exercícios e criei uma pequena ficha de gramática.

Embora tivesse a noção que não seria um tema fácil, dada a aversão da maior parte dos alunos à gramática, tentei abordar a aula com confiança. No geral, a reacção da turma foi bastante boa e estabeleceu-se uma relação pedagógica cordial desde o início. Do ponto de vista pessoal, penso que consegui atingir os objectivos propostos, nomeadamente no que diz respeito a demonstrar segurança ao lidar com os alunos. Penso que consegui também proporcionar um sentimento de abertura a quaisquer dúvidas que pudessem surgir no âmbito da aula e, com isso, criar um ambiente de

harmonia bastante saudável. Considero que, como primeira experiência com a turma, os resultados foram positivos.

IV. 4.1.2. Aula temática: *Die Wiedervereinigung*

No âmbito das comemorações da reunificação alemã – *die Wiedervereinigung* – preparei, em parceria com o meu colega de estágio, uma ficha de trabalho com base num texto fornecido pela orientadora. Tentámos diversificar a tipologia de exercícios e fazer com que os mesmos servissem de resumo do texto, levando a uma melhor compreensão dos vários pontos-chave. Para isso, incluímos um exercício com perguntas directas, outro de pesquisa no texto e ainda um último de preenchimento de espaços, usando informação do texto (cf. Anexo 8).

No geral, e embora a turma não demonstrasse muito interesse neste tema, conseguimos transmitir as ideias principais do mesmo e concluir e corrigir a ficha de trabalho com sucesso. Em termos de prática lectiva, e tendo em conta que seria um trabalho que ocupava praticamente toda a aula, verificou-se um avanço em relação a aulas anteriores, tanto na relação pedagógica como no aspecto da confiança e da comunicação efectiva com a turma.

IV. 4.2. Primeira aula assistida

Já com alguma prática lectiva, embora maioritariamente em aulas conjuntas com o meu colega de estágio, recebemos o Dr. Rolf Köwitsch, orientador da faculdade, para assistir a uma das nossas aulas. Apesar dos nervos iniciais, visto que iríamos estar sob observação e ser sujeitos a avaliação, contornámos essa questão através de uma preparação rigorosa de tudo o que iria ser feito. Com o apoio da orientadora de estágio, planificámos a aula e todos os materiais e exercícios a ela inerentes (cf. Anexo 9).

IV. 4.2.1. Metodologia

No que diz respeito à condução da aula, e com a permissão do orientador da faculdade, decidimos que o melhor seria leccionar em conjunto. O tema seria relacionado com o mundo do trabalho – *Arbeit und Beruf* – uma vez que era o que estava a ser tratado já há algumas aulas. Optámos por incluir um texto do manual,

Optimal A2 (Müller, Rusch, Scherling, Wertenschlag, Graffmann & Schmitz, 2005), assim como alguns exercícios, contudo não nos limitando ao uso do mesmo. Preparámos questões relacionadas com o tema, pesquisámos imagens ilustrativas de várias profissões para revisão de vocabulário e formulámos uma pequena actividade escrita final, na qual os alunos escreveriam sobre o seu *Traumberuf*.

IV. 4.2.2. Reflexão

Como primeira aula assistida, penso que foi francamente positiva em todos os aspectos. Em primeiro lugar, realço a condução conjunta da aula, na qual o meu colega e eu conseguimos coordenar com êxito as partes em que iríamos intervir. De seguida, os alunos mostraram-se bastante participativos (talvez até mais do que o normal), fazendo-o por iniciativa própria. E, por último, o plano de aula foi cumprido na íntegra e o tema foi bem explorado.

Talvez um factor que tenha ajudado no sucesso da aula tenha sido o facto de se ter diversificado os exercícios, isto é, apesar de o livro ter sido a base do trabalho, a actividade em que o empenho foi mais visível foi a que implicou movimento. Refiro-me, especificamente, à tarefa de relacionar as imagens distribuídas aos alunos com as respectivas profissões escritas no quadro. Foi notório o entusiasmo dos alunos aquando desta actividade, pedindo permissão para ir ao quadro repetidas vezes.

Outro ponto positivo prende-se não directamente com a aula, mas com a discussão posterior, onde, além de mim e do meu colega, estava presente o Dr. Rolf Köwitsch, e a Dr.^a Esmeraldina Gralha. Nesta reunião discutiram-se os pontos positivos da aula, assim como aqueles em que teríamos de melhorar. Posso concluir que foi extremamente produtivo poder ouvir, e também participar, nesta discussão, já que a mesma me permitiu reflectir acerca da minha prestação e de alguns pontos a limar no futuro.

IV. 4.3. *Die Prinzessin auf der Erbse*

De maneira a explorar a aplicação de histórias nesta turma, pesquisei alguns contos mais simples do ponto de vista linguístico e de vocabulário, de modo a poder ser aplicado ao nível de iniciação. O conto *Die Prinzessin auf der Erbse* (*A Princesa e a*

Ervilha) pareceu-me ideal para esta turma, não só por ser acessível em termos de leitura, mas também por poder servir de treino a alguns pontos gramaticais do programa de Alemão. Com a ajuda da orientadora, planifiquei duas aulas e criei os materiais necessários (cf. Anexo 10).

IV. 4.3.1. Metodologia

Para estas duas aulas, optei por conduzir o trabalho da aula de maneira bastante próxima. De maneira a certificar-me da compreensão do texto, criei bastantes exercícios com essa finalidade – desde tarefas cujo objectivo era explicar alguns termos específicos até exercícios orais e escritos de resumo da história. Apesar da dificuldade inicial por parte dos alunos em entender o texto, essa dificuldade foi sendo ultrapassada através deste tipo de exercícios. A ideia que lhes queria transmitir era que, para entenderem o texto, não necessitavam de compreender cada palavra. Como afirma Storch (2001), “um einen Text zu verstehen, braucht man nicht alle Daten gleichermaßen und vollständig zu dekodieren”. A gramática também esteve bastante presente, uma vez que um dos pontos a melhorar na turma era exactamente esse. Contudo, os itens gramaticais trabalhados foram sempre contextualizados, de maneira a trabalhar gradual e simultaneamente o conto, para ir desvendando o seu significado.

Os exercícios iniciais de cada aula foram, especialmente, bastante bem pensados e preparados. Tendo em conta que seria muito importante chamar a atenção dos alunos desde o início, preparei actividades mais simples e para as quais fosse necessária a sua participação activa. Na primeira aula, optei por escrever o título do conto no quadro e pedir que, a partir daí, especulassem acerca do significado e contornos da história. Na aula do dia seguinte, e de maneira a testar o que os alunos tinham retido, mostrei uma imagem relacionada com o conto e pedi-lhes, primeiramente, que descrevessem a imagem. Depois, apoiando-se também em algumas palavras-chave propostas na aula anterior, pedi-lhes que resumissem em algumas frases aquilo que tinham lido.

IV. 4.3.2. Reflexão

Na minha opinião, estas aulas funcionaram bastante bem em vários aspectos: a participação dos alunos foi positiva e houve interesse, nomeadamente em entender, a pouco e pouco, a história; os itens gramaticais foram trabalhados com sucesso e

integrados na análise do conto; não houve qualquer registo negativo ao nível da relação pedagógica entre alunos e professor, mas sim, pelo contrário, todo o trabalho se desenrolou com o empenho e respeito dos alunos; e por fim, verificou-se que a transmissão dos conteúdos pretendidos para as duas aulas foi realizada com sucesso.

De modo geral, que esta prática deu-me boas perspectivas, assim como a motivação e empenho necessários para ultrapassar o próximo desafio: a segunda aula assistida com o orientador da faculdade.

IV. 4.4. Segunda aula assistida

Para a segunda aula assistida com o Dr. Rolf Köwitsch, e já que a aula anterior tinha tido resultados tão positivos, resolvi trabalhar um outro conto, desta vez até mais conhecido que o anterior – *Rotkäppchen (O Capuchinho Vermelho)*. Contudo, esta aula seria a plataforma para uma reflexão profunda, talvez das mais proveitosas de todo o meu estágio: o problema da simplificação e infantilização dos materiais *versus* o grau de proficiência das turmas.

IV. 4.4.1. Análise do tema e dos materiais

Antes mesmo de leccionar a aula, ponderei a seguinte questão: seria o tema da aula, ou seja, o conto *Rotkäppchen*, realmente apropriado para uma turma de 11º ano? E os materiais estariam correctamente didactizados de acordo com a turma? De facto, essa questão acompanhou-me durante a aula e, após a mesma, na discussão com ambos os orientadores, obtive as respostas que necessitava.

Embora, à partida, não concordasse que trabalhar este conto numa turma com alunos de 11º ano seria totalmente desapropriado, teria de admitir que era arriscado. Por um lado, tinha a desvantagem de o mesmo já ser do conhecimento geral e, logo, levar a um certo desinteresse por parte da turma. Por outro lado, e após a aula anterior na qual o conto *Die Prinzessin auf der Erbse* ter sido trabalhado com sucesso, decidi arriscar.

No que diz respeito aos exercícios realizados na aula, talvez os mesmos não estivessem de acordo com o que se pretendia para aquele nível de ensino, embora se tratasse de um nível de iniciação, nem para a faixa etária dos alunos em questão. Um dos problemas, ou até mesmo o problema central, relacionava-se com o facto de as

actividades não implicarem desafios reais para os alunos: a descrição inicial de imagens já teria sido treinada inúmeras vezes em aula; a tarefa de ordenação de imagens da história e correspondência com os textos seria demasiadamente fácil, tendo em conta que todos os alunos já a conheciam; e mesmo o exercício da gramática, embora contextualizado, não seria qualquer novidade. Também o último exercício de escrita ficou aquém das expectativas, tanto no que diz respeito à motivação no momento de redigir o texto, como em análise posterior dos resultados.

IV. 4.4.2. Reflexão

Após a aula, houve uma breve reunião com os dois orientadores, na qual se discutiu o porquê do insucesso. Cheguei à conclusão que, ao contrário do que pensei inicialmente, aquele conto, pelo menos na sua forma tradicional, não se adaptava à turma. Neste âmbito, e como afirma Marques, é “relevante na organização das actividades a sua adequação aos níveis etários e interesses do grupo” (Marques, 1989). A desmotivação dos alunos foi, portanto, totalmente compreensível, uma vez que não lhes foi imposto qualquer desafio real, isto é, não poderia haver curiosidade em relação a uma história que já se conhecia. Por outro lado, os exercícios tornaram-se repetitivos e, no caso já referido, demasiadamente fáceis de resolver. Logo, e tendo em conta que seria necessária bastante atenção ao longo da aula para realizar a última tarefa, pois a mesma implicava algum vocabulário específico para descrever as imagens, os resultados desta actividade não foram os esperados.

Apesar de tudo, considero que me foi bastante importante reflectir acerca de toda esta problemática. Por certo, torna-se perigoso misturar ideias que não estão necessariamente interligadas: a iniciação de uma língua e a infantilização de materiais e exercícios. Contudo, penso que esta aprendizagem surgiu progressivamente e estou seguro que esta experiência contribuiu em muito para a minha evolução enquanto professor.

IV. 4.5. *Der kleine Prinz*

Não tendo ficado de todo satisfeito com a minha prestação na segunda aula assistida pelo Dr. Rolf Köwitsch, solicitei à orientadora de estágio que me cedesse uma aula. Em termos pessoais, senti que precisava de melhorar alguns aspectos. Escolhi uma

história que era do meu agrado pessoal: *Der kleine Prinz* (*O Principezinho*), e uma vez que disponha da mesma em formato áudio, pensei que seria uma boa oportunidade de diversificar as aulas, fazendo algo diferente com os alunos. Elaborei os materiais necessários e preparei meticulosamente a aula (cf. Anexo 11).

IV. 4.5.1. Análise do tema e dos materiais

Para esta aula, preparei com especial atenção todos os materiais. Dei ainda grande importância ao início da aula e ao vocabulário que os alunos iriam precisar para compreender o texto, visto haveria o risco de os alunos se desmotivarem ao não compreendê-lo. Logo, tentei “não descurar a preparação de aspectos linguísticos que previsivelmente possam ser impeditivos desse envolvimento pessoal – isso é particularmente crucial nos primeiros anos de aprendizagem, onde dificuldades deste tipo podem criar inibições, frustração e desmotivação” (Marques, 1989). Os exercícios incluíram a correspondência de imagens com alguns termos necessários e possivelmente desconhecidos dos alunos, a verificação da compreensão oral de alguns trechos importantes na história, o preenchimento de espaços com base num excerto previamente escutado, e a explicação de citações seleccionadas. Contudo, a última tarefa suscitava-me ainda algumas dúvidas: após a audição de uma parte da história, os alunos deveriam desenhar e pintar aquilo que tinham entendido. A minha questão era legítima, uma vez que não queria, novamente, infantilizar as actividades e com isso desmotivar os alunos. Mas, após aconselhamento da orientadora, decidi incluir a actividade no plano de aula.

No que toca ao tema, concluí que seria interessante trabalhá-lo nesta turma. Apesar de, à primeira vista, ser considerada uma obra infantil, *Der kleine Prinz* assume contornos pouco ou nada infantis e, até pelo contrário, demonstra uma grande profundidade ao nível do conteúdo.

Penso que, por último, é importante realçar a importância de a aula se ter baseado em exercícios de audição. Segundo Huneke e Steinig (2005), “ohne hörendes Verstehen ist Sprachenlernen kaum vorstellbar – der größte Teil des sprachlichen Inputs, anhand dessen Sprachlerner die Fremdsprache erwerben, begegnet ihnen als gesprochenes Wort”. De facto, “para compreender, o ouvinte tem de activar conhecimentos anteriores e integrá-los no que ouve. Assim, ele é um intérprete activo e selectivo da mensagem” (Marques, 1989). Tendo esta afirmação em mente, considero

que a audição é uma vertente indispensável das aulas de língua estrangeira, pois é uma maneira de ligar conhecimentos linguísticos já adquiridos a um processo presente de aquisição de língua.

IV. 4.5.2 Reflexão

Após a aula, posso afirmar que a minha satisfação era plena. Os objectivos tinham sido amplamente superados: os alunos demonstraram bastante interesse no tema tratado e realizaram todos os exercícios empenhadamente, tomando atenção à história e, em muitos casos, pedindo para ouvir novamente os excertos. Diria mesmo que a última tarefa, em relação à qual estava um pouco reticente, foi aquela em que se verificou maior empenho (cf. Anexo 11). Penso que o êxito desta aula se deveu não apenas ao facto de a maior parte da turma não conhecer a obra tratada, mas também pelos desafios que foram sendo impostos e, conseqüentemente, transpostos pelos alunos. Em última análise, essa foi a chave para a motivação da turma. A última actividade, embora possa ter sido um risco, teve sucesso porque se traduziu num desafio para os alunos, que estes souberam ultrapassar.

IV. 4.6. A música nas aulas

Ao longo do estágio, a música surgiu várias vezes como base das aulas, obtendo o agrado da turma e, com isso, resultados muito positivos. Quando as aulas incluíam músicas, era notório o entusiasmo dos alunos. Logo, pensei em explorar também esta vertente nas minhas aulas, tendo a vantagem de já ter essa prática através do seminário de Didáctica e Metodologia do Ensino do Alemão, no qual tive a oportunidade de didactizar uma música. Com o consentimento da orientadora, selecionei e didactizei a música “Das Beste”, da banda alemã Silbermond (cf. Anexo 12).

Verifiquei que, como esperado, a turma foi bastante receptiva e participativa, realizando até uma breve pesquisa em casa acerca da banda. Considero que houve três momentos particularmente positivos, nomeadamente:

1. Na primeira aula, aquando de um exercício em que lhes foi pedido que descrevessem a música usando alguns adjectivos. Neste momento, notou-se o

interesse dos alunos em pesquisar adjectivos no dicionário para poderem partilhar a sua opinião;

2. A penúltima actividade da segunda aula, onde os alunos redigiram o que seria a continuação da música. O entusiasmo foi também evidente, devido, possivelmente, ao carácter criativo da actividade;
3. Na última actividade da segunda aula desenrolou-se um jogo para testar a compreensão oral. Neste caso, o sucesso deveu-se a ser um jogo que implicava movimento.

Penso que este tema, por ser tão vasto e permitir imensas abordagens, é bastante importante e pertinente na prática lectiva actual e pode ser a resposta para muitos problemas de motivação. É, por certo, uma ferramenta a ser usada em sala de aula e, como tal, e apesar de o estágio não me ter permitido explorá-lo a outros níveis, é algo que gostaria de desenvolver posteriormente como professor.

IV. 5. Motivação: um problema por resolver

Como já foi referido anteriormente nos pontos referentes à observação e à caracterização da turma, a mesma apresenta problemas sobretudo ao nível da motivação. Tendo já identificado duas das principais causas (a proveniência de alguns alunos dos PALOP e consequente dificuldade ao nível de adaptação a outras línguas não maternas, e a própria relação entre os alunos da turma), penso ser necessário incluir outra, aparentemente menos importante, mas que poderá também ter uma enorme influência: o facto de a aula de Alemão se desenrolar sempre no último tempo lectivo, ao final da tarde. De facto, o cansaço dos alunos, ao fim de um dia de aulas e com uma carga horária bastante elevada, era visível.

Outra questão na qual fui reflectindo, especialmente aquando do período de observação, foi no esforço constante da professora para motivar os alunos e criar aulas mais lúdicas e mais centradas na comunicação do que em pontos gramaticais, por exemplo. Contudo, nem sempre isso era possível, uma vez que o programa teria obrigatoriamente de ser cumprido com vista ao exame nacional que os alunos fariam no fim do ano.

IV. 5.1. Estratégias adoptadas

Com vista à resolução dos problemas detectados na turma, foram adoptadas algumas estratégias de motivação a serem aplicadas nas aulas. É necessário ter em mente que a motivação é um factor moldável, ou seja, depende não apenas do aluno mas, e até principalmente, do professor e da maneira como se lecciona – “Learners may, for example, be quite uninterested in learning a particular language, then meet a teacher who they like so much that they begin to love learning the language” (Spratt et al., 2005). O principal desafio seria desenvolver aulas mais criativas e dinâmicas dentro dos temas do programa. Para isso, além do manual, foram usados materiais que pudessem incentivar os alunos a participar: imagens, vídeos ou textos de carácter reflexivo e cultural e não apenas expositivo.

Outro desafio seria melhorar as relações entre os alunos, criando laços mais fortes. Com isso em mente, foram realizados em aula alguns trabalhos de grupo, de modo a fortalecer o espírito de equipa e a união da turma – “Die Offenheit der Gruppensituation kann [...] zur Stärkung solidarischer Verhaltensweisen führen” (Schmitz, 1997). Por exemplo, foi aplicado várias vezes o conceito de *Lernstationen* de modo a formar grupos de trabalho, mas também a tornar as aulas dinâmicas e o trabalho dos alunos mais autónomo no que diz respeito à sua aprendizagem. Além disso, trabalhou-se com meios mais interactivos como músicas ou filmes. Segundo Butzkamm (2000), “die Unterrichtssprache muss heute, da sich das Medien- und Methodenreportoire erweitert hat, einen weiteren Kreis ziehen und Situationen einschließen wie etwa den Umgang mit dem Tageslichtprojektor, den Wechsel vom Klassenplenum (Frontalunterricht) zu Kleingruppen, die Organisation von Lernspielen“.

Uma outra estratégia que decidi desenvolver, e já perto do fim do período de estágio, foi no âmbito da participação activa nas aulas. Aliás, não se tratava apenas de participação, mas também da tentativa de não usar o Português, visto que no desenrolar das aulas era bastante frequente que os alunos usassem a sua língua para comunicar ou para responder a simples questões, mesmo quando tivessem sido feitas em Alemão. O problema devia-se sobretudo ao medo de errar. Por isso, criei uma grelha de avaliação da participação oral, que incluía não só a participação em si, mas o facto de o aluno se esforçar para o fazer usando o alemão (cf. Anexo 13).

IV. 5.2. Resultados

Depois da aplicação das várias estratégias, e tendo em conta os dois primeiros períodos do ano lectivo, os resultados foram positivos. Verificou-se uma maior cooperação entre os alunos e os níveis de participação aumentaram bastante. Foi notório o empenho da turma em actividades mais comunicativas e que implicassem algum movimento. Além disso, a estratégia que desenvolvi com base na grelha de participação gerou bastante interesse, sendo que no fim de cada aula os alunos demonstravam a sua curiosidade em saber qual a sua qualificação. No que diz respeito à língua usada na sala de aula, verificou-se também um esforço adicional na tentativa de usar o alemão. Para tal contribuiu muito o facto de se ter conseguido envolver os alunos no sistema de avaliação, ou seja, torná-los conscientes dos critérios através dos quais estariam a ser avaliados – “In einem guten Fremdsprachenunterricht gibt es klare und transparente Kriterien für die Bewertung von Leistungen, insbesondere auch für die Bewertung mündlicher Leistungen” (Knapp, 2002). Outra causa que contribuiu para uma maior participação nas aulas foi a desmistificação de que dar erros seria negativo, tentando consciencializar os alunos que, pelo contrário, seria algo normal processo de aprendizagem, porque “nur durch Fehler lernt man” (Schatz, 2006).

IV. 6. Actividade de improvisação

Já perto do final do segundo período do ano lectivo, realizou-se com a turma uma actividade que tinha como objectivo improvisar uma situação previamente discutida, sendo que cada aluno iria desempenhar um papel. Com a ajuda do encenador Carlos Melo, e no âmbito de um projecto-piloto ambicioso que pretendia pôr o teatro ao serviço da pedagogia, elaborou-se um guião com as linhas gerais da actividade (cf. Anexo 14). O objectivo seria que os alunos criassem necessidades de comunicação e que, para isso, usassem os meios de vocabulário que já tinham. Portanto, não seria meramente um teatro com falas definidas, o que tornava a situação mais complicada, uma vez que exigia algum poder de improvisação. Depois de uma reunião com o alguns professores da ESFMP responsáveis pelo projecto, foi decidido que as duas turmas de Alemão iriam ser incluídas.

IV. 6.1. Preparação e execução

Com o intuito de apresentar o projecto e delinear as linhas do mesmo, foi agendada uma visita do encenador Carlos Melo a uma aula de Alemão. Após apresentar a sua ideia, e discuti-la com a turma, o desafio ficou lançado. Embora os alunos tenham ficado reticentes acerca da sua participação, pois a mesma iria pressupor a gravação da improvisação e posterior análise, prometeram empenhar-se para a realizar com sucesso.

À medida que a data da improvisação se aproximava, era notório o nervosismo crescente dentro da turma, mas ainda mais notório era o empenho dos alunos em encenar as suas personagens. É extremamente relevante reforçar a ideia que os próprios alunos da turma se comprometeram em realizar a actividade e, segundo eles, o principal objectivo seria surpreender os professores.

De facto, quando o momento chegou, todo o esforço até ali demonstrado surtiu efeito. Os alunos encarnaram as suas personagens na perfeição, tendo inclusivamente trazido acessórios e roupas diferentes. Apesar das dificuldades ao nível da língua e do nervosismo natural, a actividade desenrolou-se do princípio ao fim, surpreendendo os professores presentes e até mesmo os próprios alunos.

IV. 6.2. Os efeitos na turma

Os efeitos da improvisação foram óbvios logo desde o primeiro momento. Um dos principais problemas da turma – a falta de elos de ligação entre os alunos e até possíveis problemas inter-relacionais – ficou resolvido quase instantaneamente. Aliás, os próprios alunos, após uma aula dedicada à reflexão da improvisação, mencionaram esse facto. Na minha opinião, assim como na opinião de todos os que presenciaram esta actividade, a mesma desencadeou na turma um enorme espírito de equipa e, para esse efeito, o objectivo em comum e o trabalho em equipa foi decisivo.

Em termos pessoais, desenvolvi um grande interesse por este tipo de trabalho e penso que os seus efeitos merecem ser explorados com mais rigor. Poderá, em conjunto com outro tipo de abordagens, ser decisivo num contexto pedagógico actual.

IV. 7. Aula com a Terceira Idade

Uma vez que trabalhava há alguns anos como professor voluntário de Inglês e Alemão na Universidade da Terceira Idade do Barreiro (UTIB), pensei em leccionar uma aula conjunta com as duas turmas de Alemão, a do estágio na ESFMP e a da UTIB. Pensei que fosse uma excelente oportunidade para proporcionar aos alunos uma aula diferente, na qual se criassem laços intergeracionais importantes para o seu desenvolvimento futuro – isto pensando, logicamente, nos alunos da ESFMP. Simultaneamente, seria uma oportunidade para os alunos da Terceira Idade conviverem e partilharem a sua experiência de vida com outros mais novos, servindo a língua alemã como elo de ligação.

A aula teria de ser o mais produtiva possível e com tarefas práticas. Para isso contei com a ajuda da orientadora de estágio, que me apoiou no delineamento das actividades. Incluímos uma apresentação inicial em Alemão, na qual os alunos se apresentavam mutuamente, vários jogos de vocabulário com base em associogramas (o que serviu também de revisão de vocabulário básico), e ainda um debate final sobre o tema “*in der Fremde leben*”, visto que uma das alunas seniores já teria vivido muitos anos na Alemanha. Esse foi, aliás, um dos momentos mais interessantes, no qual todos os alunos participaram e colocaram questões oportunas.

Concluímos também que seria uma boa ideia dividir a turma em vários grupos, e posteriormente incluir um aluno da UTIB nos diferentes grupos. A ideia resultou e, à medida que a aula se foi desenrolando, era visível que todos estavam perfeitamente empenhados e, sobretudo, em constante comunicação. No final da aula, era visível que todas as partes envolvidas tinham aproveitado o breve encontro.

Devido ao sucesso obtido com esta actividade, chegou a estar planeada uma outra com o objectivo de lhe dar seguimento: os alunos iriam continuar em contacto através de cartas. No entanto, devido à aproximação do fim do estágio e do exame nacional, não houve tempo para a desenvolver.

IV. 8. Visitas de Estudo

Ao longo do estágio, foram realizadas duas visitas de estudo no âmbito da língua alemã, nomeadamente uma à Escola Secundária de Ferreira do Zêzere – no âmbito do projecto escolas-piloto de Alemão – e uma segunda ao *Goethe Institut* de Lisboa.

No que diz respeito à primeira, e tendo em conta que foi no início do ano lectivo, os alunos não se demonstraram muito participativos nas actividades propostas, embora as várias dinamizações preparadas pela escola de Ferreira do Zêzere convidassem à participação dos mesmos. Contudo, a visita realizou-se sem quaisquer contornos negativos e, na minha opinião, apesar da participação pouco evidente, os alunos souberam tirar partido do que lhes era oferecido: desde exposições de arte alusivas ao tema da Segunda Guerra Mundial até uma pequena peça de teatro em Alemão, passando por algumas apresentações multimédia de alunos que tinham estado como bolseiros do *Goethe Institut* na Alemanha.

Na segunda visita, perto do final do segundo período, e com a turma já muito mais unida, visitámos a exposição «*man spricht Deutsch*» no *Goethe Institut*, cujo tema era a língua alemã em geral, desde os seus primórdios até à actualidade. Já que fui um dos participantes na preparação da visita, interessava-me particularmente observar a reacção dos alunos. Como já referi, a turma encontrava-se bastante mais unida do que no início do ano lectivo, facto que ajudou imenso nesta actividade. Os alunos mostraram sempre interesse nas actividades propostas e, penso eu, personificaram um dos motes da exposição: «*hab Spaß beim Deutsch lernen!*»

Concluindo, penso que as visitas de estudo, em particular a última, traduziram-se em mais-valias para os alunos, permitindo-lhes adquirir novos conhecimentos e competências linguísticas e sociais. É ainda fundamental realçar a evolução da turma em termos de espírito de equipa e motivação para a aprendizagem do Alemão.

IV. 9. Birgit Bauernhoffer: a assistente de língua

É importante referir que, praticamente desde o início do ano lectivo, a escola contou com a colaboração de uma assistente de língua vinda da Áustria. A sua ajuda foi bastante importante no que diz respeito a todas as actividades que envolvessem a língua alemã e, inclusive, para mim enquanto professor estagiário.

Em relação à turma do 11º 5, chegou a participar numa aula com o objectivo de apresentar a cultura e a língua do seu país. Nesse contexto, penso que foi bastante importante para os alunos poderem comunicar com um nativo da língua alemã, pois permitiu-lhes criar padrões de interacção diferentes daqueles que estavam habituados. Como afirma Schatz (2006), “Fremdsprachenlernenden sollte man möglichst oft die

Gelegenheit geben, verschiedene Interaktionsformen auszuprobieren. Nur so können sie ihre Interaktionsfähigkeit entwickeln“. Em parceria, desenvolvemos também uma actividade no final do primeiro período, na qual criámos um *Adventskalender* com actividades relacionadas com o natal, o que obteve resultados muito positivos na dinamização de algumas aulas. Em conjunto, dinamizámos ainda algumas actividades relativas à Páscoa (Peddy-paper, desenho temático, decoração de ovos da Páscoa, etc.), num encontro de várias turmas de Alemão provenientes de escolas do concelho de Almada. Participou ainda nas duas visitas de estudo que referi anteriormente, assim como na actividade de improvisação, ajudando na sua preparação e realização.

Considero que a presença e a colaboração da assistente de língua foram essenciais no desenrolar do ano lectivo, não apenas pela ajuda preciosa em inúmeras actividades e dinamizações, mas também por trazer consigo todo um *background* cultural diferente que, em última análise, soube partilhar bastante bem com professores e alunos.

IV. 10. Os seminários com a orientadora

As reuniões semanais com a orientadora de estágio revelaram ser muito úteis no que toca ao acompanhamento de todas as fases, da observação à execução das aulas. A mesma demonstrou sempre uma atitude de tolerância e compreensão no meu processo evolutivo como professor ao longo do ano lectivo. Os seminários ajudaram-me a reflectir em algumas práticas e a melhorá-las, nomeadamente na planificação das aulas, que, tal como afirmado por Meyer (1994), são um passo essencial: “Planen ist die Vorwegnahme von Entscheidungen durch die intelligente Verknüpfung von Einzelmaßnahmen zu Handlungsketten”. Além disso, eram constantes as discussões em relação à avaliação dos alunos, em especial no que diz respeito à elaboração, estruturação e correcção dos testes. Era comum a troca de ideias dentro deste ponto, e considero bastante positivo o facto de, tanto eu como o meu colega, participarmos activamente no processo de avaliação. Nesse sentido, era hábito que os testes fossem elaborados e corrigidos em conjunto. Era, ao mesmo tempo, um sinal de confiança e uma responsabilidade com a qual teríamos de lidar no dia-a-dia como professores.

Outro ponto positivo que pretendo realçar é a receptividade da orientadora aos temas e ideias que propus para algumas aulas. Houve a compreensão e a abertura

necessárias para que pudesse concretizar algumas dessas ideias, como, por exemplo, a aula conjunta com os alunos da UTIB ou ainda o plano de avaliação da participação oral nas aulas.

IV. 11. Conselhos de turma

No âmbito da disciplina de Alemão, assisti a dois conselhos de turma do 11º 5, no final do primeiro e do segundo períodos. Foram uma oportunidade de conhecer melhor as características da turma como um todo, e não apenas os alunos que frequentavam o Alemão, permitindo-me compreender o contexto geral de uma turma «problemática» e até compreender alguns comportamentos dos alunos que leccionava.

Na segunda reunião colaborei com a orientadora na verificação das notas finais de período e expusemos, em conjunto, os resultados positivos da actividade de improvisação que se tinha realizado.

Conclusão

Ao reflectir sobre o período de estágio, posso concluir que o mesmo me proporcionou imensas aprendizagens, tanto a nível pessoal como académico. Sendo esta a minha primeira experiência como professor no Ensino Secundário, considero que foi extremamente positiva no que diz respeito à aquisição e evolução de competências em contexto de sala de aula. Progredi, entre outros aspectos, em termos de autoconfiança e comunicação. Desenvolvi técnicas de observação, planificação e execução de aulas que, estou certo, me irão ajudar no meu futuro como professor.

Na Escola Secundária Fernão Mendes Pinto, trabalhei com orientadoras competentes e com um enorme espírito crítico, o que me levou a realizar um percurso bastante reflexivo. Foi também importante trabalhar e partilhar ideias e experiências com outros professores da escola.

O facto de ter tido um colega de estágio teve uma enorme importância, uma vez que o apoio e o incentivo da parte do mesmo foram uma constante. Isso deu-me também a oportunidade de, por diversas situações, trabalhar em equipa, o que é essencial em qualquer profissão. Refiro também a colaboração da assistente de língua, indispensável em inúmeras circunstâncias.

A teoria estudada nos seminários de apoio ao estágio, na faculdade, serviu de plataforma para uma prática lectiva mais segura. Para isso, em muito contribuiu o apoio incansável das orientadoras, que em mim depositaram responsabilidades e, mais que isso, confiança.

Outro ponto enriquecedor foi ter encontrado turmas opostas a vários níveis, sendo que isso se traduziu igualmente numa oportunidade de reflexão. De facto, e neste âmbito, seleccionar e adaptar materiais, critérios e objectivos torna-se fundamental na prática docente. É possível, talvez até comum, encontrar realidades bastante diversas numa só turma, o que torna a tarefa do professor mais difícil, contudo mais enriquecedora.

O período de estágio fez-me desenvolver novos interesses como, por exemplo, o uso do teatro – e possivelmente também de outras artes – ao serviço da pedagogia ou ainda a importância da música nas aulas. Apesar de não ter tido oportunidade de

efectivamente explorar e reflectir acerca destes pontos, serão com toda a certeza objecto de análise futura.

No que toca ao tema deste relatório, concluí que o uso de histórias pode ter efeitos muito positivos no ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, dependendo sempre do modo com os materiais são explorados e ainda das especificidades das turmas e dos alunos. Embora não se trate de um estudo extensivo, espero ter contribuído com algumas ideias para uma eventual investigação mais rigorosa.

Em suma, neste relatório tentei dar uma breve visão das experiências que vivi e das aprendizagens que fiz ao longo dos oito meses de estágio. Toda esta reflexão deixa-me confiante para enfrentar um futuro profissional como professor.

Bibliografia

Livros e Capítulos de Livros:

Dahl, R. (1962). *The Landlady*. Harmondsworth: Penguin.

Harmer, J. (1991). *The Practice of English Language Teaching*. London: Longman.

Huneke, H.-W., Steinig, W. (2005). *Deutsch als Fremdsprache: Eine Einführung*. Berlin: Erich Schmidt.

Knapp, A. (2002). *Aspekte guten Fremdsprachenunterrichts*. In Ditfurth, M. (Org), *Unterricht verstehen; Modul 1: Erfahrungswissen reflektieren und den eigenen Unterricht weiterentwickeln*. München: Goethe-Institut / Inter Nationes.

Marques, M. (1989). *Didáctica das Línguas Estrangeiras*. Lisboa: Universidade Aberta.

Matthews, A., Spratt, M., Dangerfield, L. (1985). *At the Chalkface: Practical Techniques in Language Teaching*. London: Edward Arnold.

Meyer, H. (1993). *Leitfaden Unterrichtsvorbereitung*. Berlin: Cornelsen Scriptor.

Müller, M., Rusch, P., Scherling, T., Wertenschlag, L., Graffmann, H., Schmitz, R. (2005). *Optimal A2*. Berlin: Langenscheidt.

Scrivener, J. (1994). *Learning Teaching*. London: Macmillan Education.

Spratt, M., Pulverness, A., Williams, M. (2005). *The Teaching Knowledge Test Course*. Cambridge: Cambridge University Press.

Schatz, H. (2006). *Fertigkeit Sprechen*. München: Goethe.

Storch, G. (2001). *Deutsch als Fremdsprache – Eine Didaktik*. München: Fink.

Wajnryb, R. (1992). *Classroom Observation Tasks*. Cambridge: Cambridge University Press.

Artigos:

Bouman, L. (1990). Veni, video, vici: Video in language teaching. *English Teaching Forum*, 8-11.

Gallas, K., Smagorinsky, P. (2002). Approaching texts in school. *The Reading Teacher*, 56(1), 54-61

Gavelek, J., Raphael, T. (1996). Changing talk about text: New roles for teachers and students. *Language Arts*, 73, 182-192.

Piro, J. (2002). The picture of reading: Deriving meaning in literacy through image. *The Reading Teacher*, 56 (2), 126-134.

Rocha, L. (2006). A formação inicial de professores no quadro do processo de Bolonha: Modelos e desafios. *Revista Lusófona de Educação*, 7, 165-166.

Textos electrónicos:

Butzkamm, W. (2000). “Sprechen Sie Deutsch im Deutschunterricht!”
<<http://www.fremdsprachendidaktik.rwth-aachen.de/index.html>>
[Consultado em 21 de Setembro de 2010]



Fielding, R. (2007). “The sources of creative writing”.
<http://www.ugru.uaeu.ac.ae/UGRUJournal/UGRUJournal_files/CW5/SCW.pdf>
[Consultado em 16 de Setembro de 2010]

Schmitz, K. (1997). “Gruppenarbeit”.
<<http://www.tse.de/papiere/arbeit/Gruppenarbeit.html>>
[Consultado em 21 de Setembro de 2010]


ANEXOS



(Board)

Teacher's Desk


Inês  A+	Renata  A+
--	--

Daniela R. P- A+	Andreia P- A+
---------------------	------------------

Rita  A-	Susana P- A-
--	-----------------



Beatriz  A-	Marta  A-
---	---



Carolina P+ A+	Gonçalo D. P- A-
-------------------	---------------------


	Bruno F.  A-
--	--

Liliana → A-	Diana → P- A-
-----------------	------------------

Daniela L. → P+ A+	Bruno C. → P+ A+
-----------------------	---------------------


António  A-	Carlos  P+ A+
---	---

Gonçalo R.  A-	João F.  P+ A+
--	--


Duarte P- A+	Helena  P- A+
-----------------	---

João P. → P- A-	Bernardo → P- A-
--------------------	---------------------

João A. → A-	Pedro → A-
-----------------	---------------

Observation Point 	
---	--

Talks constantly with partner →

Talks constantly with other classmates 

Participates in class only when asked (P-)

Participates in class voluntarily (P+)

Pays attention in class (A+)

Doesn't pay attention in class (A-)

OBSERVATION TASK ACCORDING TO LEARNERS' LEVEL OF LANGUAGE¹

Students	Level	Signs of level	Teacher's strategies
Duarte Susana	1	a. Non-comprehension b. Uses L1 c. Looks to neighbour for help	Re-formulated directly to learner Tries to motivate them to participate, despite constant mistakes
Bruno Daniela	5	a. Always ready to answer quickly and accurately	Uses students as a model of language pattern Praises students' participation in class

1 – very weak;

2 – weak;

3 – average;

4 – good;

5 – very good

Observations:

Although the average level of language of the class is indeed very good, there are always students who don't seem to fit in this average. As shown in the example above, one can see the differences between such students. Duarte and Susana, for instance, have many difficulties speaking accurate English and, in order to communicate, tend to use their first language. In fact, it is also difficult for them to understand, in certain situations, what the teacher is asking. That is why the teacher tries to motivate them to participate in class, making them aware that making mistakes is acceptable for a learner. Another possible strategy is to re-formulate the sentence or word, using instead another sentence or word which may be simpler to understand.

On the other hand, students like Bruno or Daniela, for instance, are always ready to participate in an active way, doing it quickly and accurately. Therefore, the teacher praises their participation in class and sometimes uses them as a model of language pattern.

¹ Taken from Classroom Observation Tasks by Ruth Wajnryb

How does the teacher start the lesson?

What teacher does	What learners do
<ul style="list-style-type: none">I. Greet / chat with Ss when they enter the classroomII. Warm Ss up by reminding them of yesterday's lessonIII. Initiate the lesson with an interesting lead-in (pictures for example)	<ul style="list-style-type: none">I. Greet / responder to TII. Recall the previous lessonIII. Start working with enthusiasm

Commentary:

In my opinion, it is of extreme importance to know how to start a lesson. Therefore, a teacher should start it in a soft way to get students' attention from the very beginning. A good strategy is to greet or chat with them as they enter the classroom. Later on, the teacher can catch up with the previous lesson if necessary – in some cases it is fundamental to do so because there may be students who weren't present before. Afterwards, a good lead-in may help a lot. If a teacher knows how to introduce a new subject (or to continue the previous one) in an interesting way, this may help students to get focused on that same subject and, therefore, they start their work with enthusiasm.

OBSERVATION TASK 10 Stolen goods

As you observe the lesson, note down several things that you would like to “steal” from this teacher and the lesson in order to make them part of your own teaching. This may include personal qualities, teaching skills and techniques, activities, classroom atmosphere, etc. Include notes to help you remember any important details. You may want to record why you felt good about the stolen goods. Finally, choose something you feel you would like to give this teacher in return for your many thefts.

Stolen item 1: Opportune sense of humor.

Description of item: The teacher knows how to manage the dose of humor in class opportunely, always in a clever way.

I stole this item because: I think that it is of extreme importance for a teacher to know how to draw the line between moments of leisure and moments of hard work. Therefore, the teacher must acknowledge that there must be periods when students should be more relaxed and periods when they are demanded more attention and commitment. In other words, there is always room for humor, but that must not become the first rule of a lesson.

Stolen item 2: Well-timed feedback.

Description of item: The teacher has the capacity to gather students’ comments and answers and give them a general and opportune feedback.

I stole this item because: I guess that one of the most difficult things for a teacher to develop throughout the years is the capacity to absorb into the mind everything students say in a period of time in order to give them opportune and accurate feedback on a specific subject. Giving precise feedback is crucial for students and it is, therefore, an absolute must for a teacher to master.

I’d like to give you: Additional variety of new technologies in class.

I think you’d like this because: I think that new technologies are becoming more and more important inside the classroom. They can be an advantage not only as a technique in terms of teaching, but also because students tend to feel motivated working with tools they already know and use in their everyday life.

OBSERVATION TASK 7 Feedback to learners

How does the teacher give feedback to students? Note some specific examples. What did the student do or say? What did the teacher do or say? Comment on the intentions or attitudes you think might underlie the teacher's response.

Teacher: The teacher asked the student to rephrase a sentence, but starting it with "I wish..."

Student: The student seemed nervous and afraid of making mistakes; She didn't say anything.

Teacher: The teacher incentivized the student to speak, telling her that she could do it and not to be afraid of making mistakes.

Commentary: I think the teacher acted very correctly because, on the one hand, it is important to incentivize the students when they do not believe in themselves and, on the other hand, it is also important to make them aware that the most important, when speaking, is not to speak without mistakes, but rather to speak fluently and to convey the right message. This kind of attitude turns out to be extremely decisive and positive concerning students' motivation and engagement in the classroom.

Student: The student disagreed with an answer given by the teacher regarding the correction of an exercise from the student's book and suggested an alternative answer.

Teacher: The teacher said that the student's suggestion was also acceptable and that the correct answer really depended on the point of view. The teacher also thanked the student for his participation in the class.

Commentary: I find it quite positive that the teacher showed openness to accept a different point of view from a student. This attitude not only incentivizes him, but serves also as an example to the whole class, which may lead to a more active behavior in terms of the whole group.

Student: A student, speaking on behalf of his classmates, asked the teacher to give them some time so they could study for a test that same day.

Teacher: The teacher answered that if the whole class worked hard during that lesson, they would have some time in the end to study.

Commentary: In my opinion, this was the right thing to do. Firstly, it was a good strategy to keep them engaged in the lesson; Secondly, it showed openness from the teacher towards students' needs and difficulties; and thirdly, I consider it would be much worse to deny them what they asked, for they would continue studying anyway and would therefore not pay any attention to the lesson.



ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO

Lesson Plan: Poem “Children’s Song”

Class: 11th 1
Class size: 28 Students

Level: 11th
Date: 6th January 2010

Teacher: Pedro Castro
Length: 90’

Aims	Procedures	Focus	Work Pattern	Materials	Time
To analyze a poem and its content	Ss read the poem “Children’s song” by R.S. Thomas and T asks: <ul style="list-style-type: none">- What’s the subject of this poem?- Is it significant that the author uses “we” instead of “you”?- Who is this poem directed to?	Reading Speaking	Plenary Work	Worksheet	15’
To select specific / important information from a poem	T gives the Ss the following tasks: <ul style="list-style-type: none">- To select the most important part of the poem and explain its relevance for the image it conveys;- To sum up its message in no more than 30 words.	Reading Writing	Individual Work	Worksheet	25’
To explain one’s opinion on the poem	The Whole class corrects and discusses the previous tasks.	Speaking	Plenary Work		15’
To compare two poems already analyzed in class	T asks the whole class: <ul style="list-style-type: none">- Can you find anything in common between this poem and the one from the previous lesson? What exactly?	Speaking	Plenary Work		12’
To read an example of a possible commentary to the poem	Ss are given a possible example of a commentary concerning the previous poem; Ss read it and comment on it orally.	Reading Speaking	Plenary Work	Commentary	8’
To relate the message of the song to the message of the poem	Ss listen to a song (<i>High Hopes</i> by Pink Floyd) and are asked to comment on it, bearing in mind its possible connection with the poem “Children’s Song.”	Listening Speaking	Plenary Work	CD Player	15’



Class: 11º1 / 2nd Term January 2010
Teacher: Pedro Castro

Children's Song

We live in our own world,
A world that is too small
For you to stoop and enter
Even on hands and knees,
The adult subterfuge.
And though you probe and pry
With analytic eye,
And eavesdrop all our talk
With an amused look,
You cannot find the centre
Where we dance, where we play,
Where life is still asleep
Under the closed flower,
Under the smooth shell
Of eggs in the cupped nest
That mock the faded blue
Of your remoter heaven.

R. S. Thomas

Considering the poem:

1. Select the most important part of the poem and explain its relevance for the image the poem conveys.
2. Sum up its message in no more than 30 lines.

Good work!



ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO

Unit Plan: “The Landlady”

Class: 11th 1
Class size: 28 Students

Level: 11th
Days: 1st, 8th, 10th, 22nd, 24th February 2010

Teacher: Pedro Castro
Length: 5 lessons (450min)

Topic Area: Short Story “The Landlady”

General Aims: At the end of this unit students should be able to:

- ✓ Understand a short literary text
- ✓ Identify a cliffhanger ending in a literary text
- ✓ Analyze a short story in terms of its structure and content
- ✓ Summarize and identify the key ideas in a text
- ✓ Relate and compare a text with a film
- ✓ Understand small parts of a contextualized film without hearing the characters’ speeches
- ✓ Recognize the structure of a phrasal verb
- ✓ Infer the meaning of a phrasal verb from the context
- ✓ Use some phrasal verbs correctly

Assessment:

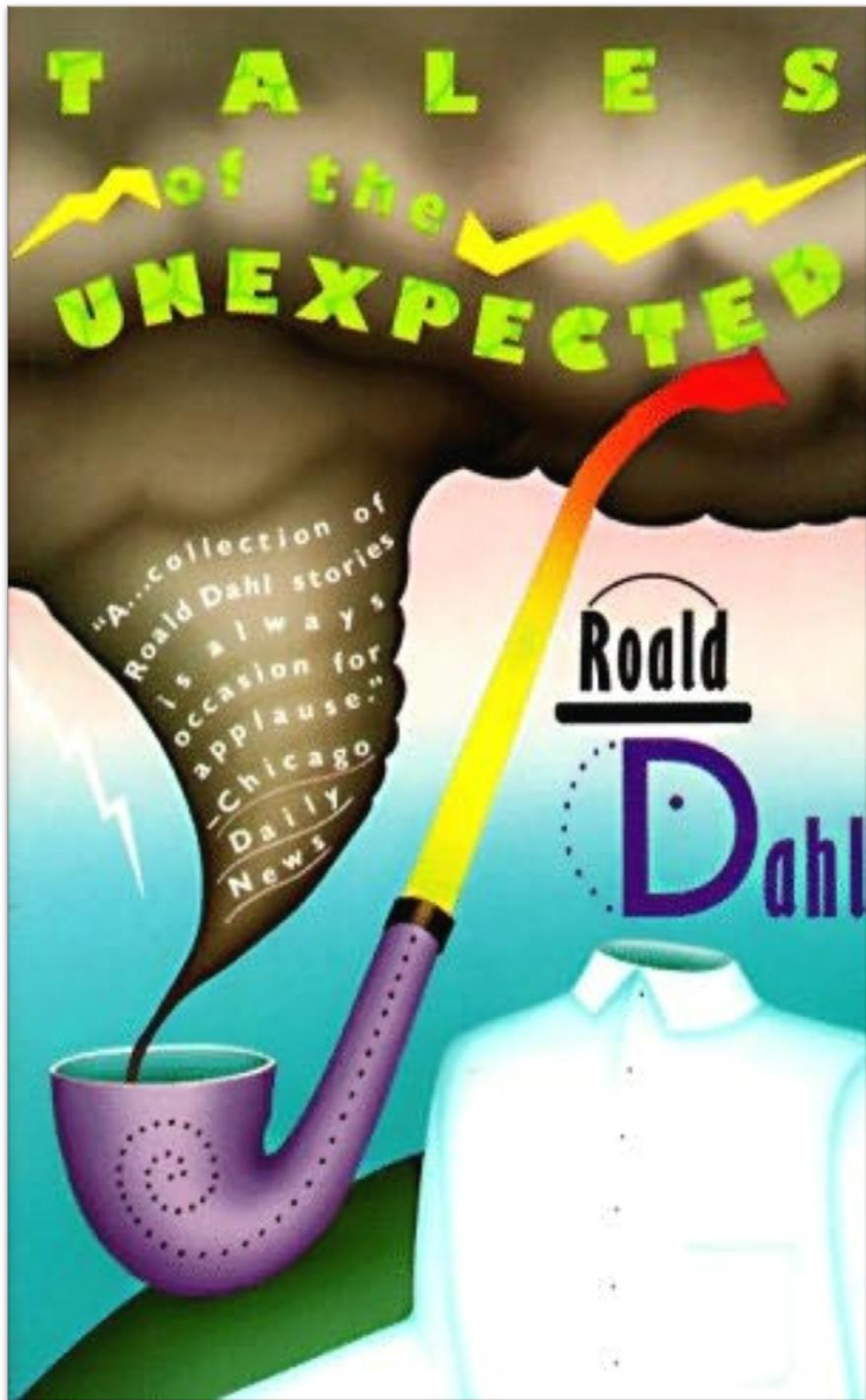
- ✓ Direct observation of students’ participation in class
- ✓ Classroom assignments
- ✓ Group / Pair / Individual Work
- ✓ Written production

Lesson	Aims	Procedures	Focus	Work Pattern	Materials	Time
1st Lesson 01.02.2010	To explore the possible content of the short story	Speculating on the plot of the short story ("The Landlady") based on its title and a picture related to it	Speaking	Plenary Work	Board Picture	90'
	To write a plot using given information	Writing a possible plot based on some words and expressions from the short story	Writing	Group Work	Board	
	To compare Ss' plots with the original beginning of "The Landlady"	Reading the beginning of the short story and comparing it with students' plots	Reading Speaking	Plenary Work	Excerpt 1	
	To analyze specific events in the story	Searching in the text for surprising / odd / unexpected events	Reading (for gist)	Individual Work	Excerpt 1	
	To check the understanding of details in the text	Completing a worksheet to check students' understanding of the text	Writing	Individual Work	Worksheet	
2nd Lesson 08.02.2010	To compare some details in the film with the original version	Watching an excerpt of the film "The Landlady" (related to what students already know about the story) and commenting on some details	Listening Speaking	Plenary Work	Internet connection/ Beemer	90'

	To interpret the characters' expressions and gestures	Watching an excerpt of the film "The Landlady" (on mute) and commenting on some details;	Speaking	Plenary Work	Internet connection/ Beemer	
	To imagine a dialogue based on expressions and gestures	Writing a dialogue between the two characters based on the excerpt already watched	Writing	Group Work		
	To compare Ss' comprehension of the film (on mute) with the real dialogues	Watching the previous excerpt again and comparing students' dialogues with the real version	Listening Speaking	Plenary Work	Internet connection/ Beemer	
	To practice the use of some phrasal verbs	Practicing the use of some phrasal verbs in the text	Grammar	Plenary Work	Excerpt 1	
3rd Lesson 10.02.2010	To sum up an excerpt of a film	Watching the excerpt of the film "The Landlady" already shown in the previous lesson and summing it up orally	Listening Speaking	Plenary Work	Internet connection/ Beemer	90'
	To find specific details in the text	Underlining odd / queer events in the short story and justifying answers	Reading Speaking	Individual Work	Excerpt 2	

	To infer possible feelings from dialogues and expressions	Speculating on how the main character is feeling and searching in the text in order to justify the answers	Speaking Reading	Plenary Work	Excerpt 2	
	To relate Ss' own feelings and reactions to the development of the story	Debating on whether students would trust this landlady or not and justifying the answers	Speaking	Plenary Work	Excerpt 2	
4th Lesson 22.02.2010	To practice the use and meaning of a specific modal verb	Reading a paragraph from the short story "The Landlady" and working on the meaning of a modal verb (<i>to get over</i>)	Grammar	Plenary Work	Excerpt 2	90'
	To practice the use and meaning of some modal verbs	Completing a worksheet in order to practice the use of some modal verbs	Grammar	Individual Work	Worksheet	
	To find specific details in the text	Reading another excerpt of the short story and finding more evidence of strange events	Reading	Individual Work	Excerpt 3	
	To understand specific expressions orally	Watching an excerpt of the film "The Landlady" and doing a listening exercise	Listening	Individual Work	Internet connection/ Beamer	

5th Lesson 24.02.2010	To comment on specific and crucial details in the story	Comment on specific quotations from the short story "The Landlady"	Speaking	Plenary Work	Excerpt 4	90'
	To comment on the purpose of a <i>cliffhanger ending</i>	Giving opinion on the ending of the short story and the fate of the main character	Speaking	Plenary Work	Excerpt 4	
	To summarize the main ideas / clues throughout the story	Summarizing the several clues given to the reader throughout the story concerning the fate of the main character	Speaking	Plenary Work	Excerpt 4	
	To compare both endings: that of the film and that of the short story	Watch the last excerpt of the film "The Landlady" and comparing it with the short story	Listening Speaking	Plenary Work	Internet connection/ Beamer	
	To practice the use and meaning of some modal verbs in the text	Searching in the text for some phrasal verbs and their meaning	Reading	Plenary Work	Excerpt 4	
	To use Ss knowledge and understanding of the story to write an opinion / creative essay	Writing an essay on a topic related to the short story	Writing	Individual Work	Worksheet	



Picture 1



Class: 11⁰¹ / February 2010

“The Landlady” – Worksheet 1

A – After reading the excerpt, try to answer these questions by choosing the best answer:

1. The weather was most likely...
A rainy B hot C cold D foggy
2. The work Billy did was probably...
A on the assembly line of a factory B on a building site C in a government department D in an office
3. The important people at the Head Office
A intimidated Billy B admired Billy C inspired Billy D bored Billy
4. Billy was...
A starting a new job B moving to a new post with the same company C running away from his old job D starting a new branch for his company
5. The Head Office had...
A expected him to find his own accommodation B suggested some alternative accommodation C not been able to find accommodation D arranged a place for him to stay

B – What do the following sentences mean? Rewrite them using your own words as far as possible:

1. “(...) the moon was coming up out of a clear starry sky (...)” lines 5-6
2. “They might take you in.” lines 14-15
3. “Find your own lodgings.” lines 23-24
4. “He walked briskly down the street.” lines 31-32
5. “The big shots up at Head Office were absolutely fantastically brisk at the time.” lines 36-38
6. “(...) they had been very swanky residences.” lines 45-46
7. “(...) the handsome white façades were cracked and blotchy from neglect.” lines 49-51

C – Answer the following questions:

1. “And now a queer thing happened to him.” – Why do you think the author used the word *queer*? What does it refer to?
2. “Billy was seventeen years old. He was wearing a new navy-blue overcoat, a new brown trilby hat, and a new brown suit, and he was feeling fine.” – What do you think of the way he was dressed? Is it usual for such a young person?



Class: 11^o1 / February 2010

Grammar Worksheet: Phrasal Verbs

A. Please read the following sentences and try to explain them using your own words as far as possible:

1. "Billy thanked him and picked up his suitcase and set out to walk the quarter mile to The Bell and Dragon."

2. "(...) Billy decided that he would walk on and take a look at The Bell and Dragon before making up his mind."

3. "Everything is always ready day and night in this house just on the off-chance that an acceptable young gentleman will come along."

4. "(...) the bedclothes had been neatly turned back on one side, all ready for someone to get in."

5. "But before you go to bed, would you be kind enough to pop into the sitting-room on the ground floor and sign the book?"



Class: 11^o1 / February 2010

“The Landlady” – Worksheet 2

- 1. Read the text between lines 257 and 382 and find evidence of strange events. Please account for your suggestions.**

✓

✓

✓

✓

✓

- 2. In the film you will hear some expressions which are synonyms for the ones below. Please note them down as you hear them.**

a) To depress / demoralize

b) Approximately

c) To memorize

d) Strange

e) To be about to say something



Class: 11⁰¹ / February 2010

“The Landlady” – Final Assignment

Choose one the topics below a write a text (about 120-150 words) on it:

A.

Pretend you are Billy and you are staying in *Bed and Breakfast*. As you go up to your bedroom, you decide to write a letter to a friend or relative expressing your growing concern that something is not right with your situation.

In your letter, include five clues that are making you nervous about staying in that house. Express your concerns but do not change the plot (you cannot, for example, throw the tea in the landlady's face and make a run for it!)

B.

How do you explain the fact that we can read and enjoy a story about a person who is about to be murdered and stuffed? What does your explanation tell you about human nature?

C.

“Nearly all the good things that have come to me in life have been unexpected, unplanned by me.” – Carl Sandburg

Imagine you are Billy Weaver and you have the chance, after having been murdered and stuffed by the landlady, to answer to Carl Sandburg. What would you write him?

		WRITING (50 PONTOS)			
Nº	NOME	COMPETÊNCIA PRAGMÁTICA (30 PONTOS)	COMPETÊNCIA LINGUÍSTICA (20 PONTOS)	TOTAL	VALORES (0-20)
1	ANA PONTES	22	13	35	14,0
2	ANDREIA SANTOS	15	13	29	11,6
3	ANTONIO POLVORA	20	14	34	13,6
4	BEATRIZ PAIVA	18	13	31	12,4
5	BERNARDO SEQUEIRA	F	F	F	F
6	BRUNO FORTUNATO	18	10	28	11,2
7	BRUNO CHAMBEL	30	19	49	19,6
8	CARLOS CASIMIRO	28	18	46	18,4
10	DANIELA ROSA	20	12	32	12,8
11	DANIELA LEITAO	28	19	47	18,8
12	DIANA MOREIRA	28	16	44	17,6
15	GONÇALO RIBEIRO	28	18	46	18,4
16	GONÇALO DIAS	F	F	F	F
17	HELENA GOMES	28	16	44	17,6
18	INES BARREIRA	20	13	33	13,2
20	JOAO AFONSO	10	6	16	6,4
22	JOAO FRANCISCO	20	14	34	13,6
23	JOAO MARTIM	F	F	F	F
24	LILIANA GONÇALVES	20	12	32	12,8
26	MARTA SARAIVA	20	15	35	14,0
27	PEDRO TUNA	16	10	26	10,4
28	RENATA OLIVEIRA	22	14	36	14,4
29	RITA AFONSO	12	10	22	8,8
31	SUSANA AZINHEIRA	12	8	20	8,0
34	DUARTE FERNANDES	10	6	16	6,4



Class: 11º1 / February 2010
"The Landlady" – Final Assignment

Diana

Choose one of the topics below and comment (about 120-150 words) on it, bearing in mind what we have been doing in class:

- A. Pretend you are Billy and you are staying in the bed and breakfast. As you go up to your bedroom, you decide to write a letter to a friend or relative expressing your growing concern that something is not right with your situation.

In your letter, include five clues that are making you nervous about staying in the bed and breakfast. Express your concerns but do not change the plot (you cannot, for example, throw the tea in the landlady's face and make a run for it!)

- B. How do you explain the fact that we can read and enjoy a story about a person who is about to be murdered and stuffed? What does your explanation tell you about human nature?
- C. "Nearly all the good things that have come to me in life have been unexpected, unplanned by me." – Carl Sandburg

Imagine you are Billy Weaver and you have the chance, after having been murdered and stuffed by the landlady, to answer to Carl Sandburg. What would you say?

B.

The story we just read is a morbid and kind of horrifying tale about a murderous landlady and her taste for stuffing ^{animals} ~~humans~~ (and human beings). We, as persons, like to be entertained, therefore, a story ^{revolves around} ~~is~~ that ~~represents~~ a thrilling environment and ~~a~~ suspicious ~~and~~ characters is bound ~~to~~ to get our attention. A thriller is based on breath-holding situations, that push you to the limit and make you want to put an end to ^{it} ~~all~~. ~~Humans are drawn to this~~ Kind of story ^{*} ~~is~~ ~~although~~. In this case, the story was concerning the poisoning and ~~grossness~~, death of an ^{innocent} ~~innocent~~ person, but we were attracted to it for ^{its} ~~the~~ thrilling carisma, ~~not~~ not because ~~of the~~ ~~of the murder itself~~ of the murder itself. So, we can't ^{really} say that human nature is depending on liking or disliking the story, since ^{it's} ~~it's~~ mainly affected by one's personality. what we can say about human nature is that we are, in fact, ~~are~~ drawn to this suspicious and thrilling plots, ^{which} ~~who~~ can push us to the edge and make us want more.

* this kind of story
these kinds of stories

64 - 17.6 ✓
17.6



Class: 11º1 / February 2010
"The Landlady" – Final Assignment

See
1026

Choose one of the topics below and comment (about 120-150 words) on it, bearing in mind what we have been doing in class:

- A. Pretend you are Billy and you are staying in the bed and breakfast. As you go up to your bedroom, you decide to write a letter to a friend or relative expressing your growing concern that something is not right with your situation.

In your letter, include five clues that are making you nervous about staying in the bed and breakfast. Express your concerns but do not change the plot (you cannot, for example, throw the tea in the landlady's face and make a run for it!)

- B. How do you explain the fact that we can read and enjoy a story about a person who is about to be murdered and stuffed? What does your explanation tell you about human nature?

- C. "Nearly all the good things that have come to me in life have been unexpected, unplanned by me." – Carl Sandburg

(A)

Imagine you are Billy Weaver and you have the chance, after having been murdered and stuffed by the landlady, to answer to Carl Sandburg. What would you say?

Hello my dear.
I just arrived ⁱⁿ Bath and I'm staying ⁱⁿ at a bed and breakfast.
The landlady is really nice but there's something wrong about her.
As soon as I rang the bell she opened the door, like she was waiting for me.
She offered me a really low price with great conditions so I wouldn't leave and
she ~~treated~~ ~~at~~ treated me with a lot of special attention.
I'm the only client here.
In the guestbook there were no other entries in the past two years.
I ^{leave} have you with my uncertainties.

See you soon,
Billy Weaver

A A A A A

35 - 14100
50 - 1100

Choose one of the topics below and comment (about 120-150 words) on it, bearing in mind what we have been doing in class:

- A. Pretend you are Billy and you are staying in the bed and breakfast. As you go up to your bedroom, you decide to write a letter to a friend or relative expressing your growing concern that something is not right with your situation.

In your letter, include five clues that are making you nervous about staying in the bed and breakfast. Express your concerns but do not change the plot (you cannot, for example, throw the tea in the landlady's face and make a run for it!)

- B. How do you explain the fact that we can read and enjoy a story about a person who is about to be murdered and stuffed? What does your explanation tell you about human nature?

- C. "Nearly all the good things that have come to me in life have been unexpected, unplanned by me." – Carl Sandburg

Imagine you are Billy Weaver and you have the chance, after having been murdered and stuffed by the landlady, to answer to Carl Sandburg. What would you say?

Human nature is a very tricky thing. Actually, the kinds of different reactions that very different people show ^{regarding the same situations} is one of the oddest things.

One very interesting movie, based on a book written by one of our very own Portuguese writers – José Saramago –, is "Blindness". This very peculiar and controversial story shows just how animal-like our reactions can be, when we are forced to face extreme ^{situations} reactions like, and this is the main idea of the movie, for example, we lose our sight. ~~After~~ During such events, humans act like animals and their actions are completely irrational.

The same idea applies to real life, or more particularly, to the reactions we have while reading this story or watching this movie. Our curiosity and the rush of adrenaline it causes are the main factors that lead us to the point of not standing not? to know how the story will end. This all develops in a uncompraxionate-unwilling-to-fade-curiosity. That's probably one of the reasons why we enjoy such stories that show such ~~un~~ unhuman scenes.

Somehow, we all get thrilled while watching these movies, but if we were put in the ~~same~~ character's role, that wouldn't be as funny as watching it ~~to~~ on a sofa in our living-room ~~would be~~. That's why sometimes we ought not to be too curious, as it may lead to the happening of ~~bad~~ awful events.

29 - 29.05
50
Teacher: Pedro Castro

Bruno Chancel Feb. 2010
11^o1 u.04



ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO

Lesson Plan: "Advertisement"

Class: 11th 1
Class size: 28 Students

Level: 11th
Date: 12th April 2010

Teacher: Pedro Castro
Length: 90'

Aims	Procedures	Focus	Work Pattern	Materials	Time
To recap the previous lessons regarding the subject "advertisement"	T asks Ss some questions: <ul style="list-style-type: none"> - Do you remember what we have been doing lately? - Can you tell me the last subject we have been working on? - Which activities related to the subject "advertisement" have we already done? 	Speaking	Plenary Work		10'
To sum up the main contents of an advertisement	Ss are asked to refer some aspects which are fundamental in an advertisement (slogan, image, persuasiveness, emotions, stereotypes, information about the product, target audience, brand, strategy); T writes Ss' suggestions on the board and, if necessary, completes the list.	Speaking	Plenary Work	Board	15'
To make a creative advertisement based on a picture	T hands out some paintings (by Paula Rego) and asks Ss to make their own advertisement based on the paintings; In order to help them, Ss have to fill in a table concerning the main aspects to take into consideration when making an advertisement.	Writing	Group Work (random groups)	Paintings Worksheet	20'
To present and explain an advertisement made by the students	Ss present their work to the whole class.	Speaking	Plenary Work		45'















Class: 11⁰¹ / April 2010

“Creating an ad”

- Please fill in the following table in order to help you make your advertisement:

Brand (Which brand is this slogan for?)	Target audience
Slogan (Try to write a creative slogan to call people's attention)	Any additional text?

- Notes for your oral presentation:

1. Justify your choices concerning the previous table
2. Please refer:
 - Whether the message is mainly conveyed by the slogan, the text or the image;
 - What type of emotions your ad evokes;
 - Whether it promotes any stereotype;
3. What would cross people's minds if they saw your ad?
4. What other strategies would you choose to promote your product?

		SPEAKING (30 PONTOS)				VALORES (0-20)
Nº	NOME	Originality (12 P.)	Fluency (10 P.)	Accuracy (8 P.)	TOTAL	
1	ANA PONTES	10	8	5	23	15,3
2	ANDREIA SANTOS	10	5	6	21	14,0
3	ANTONIO POLVORA	12	7	7	26	17,3
4	BEATRIZ PAIVA	11	7	6	24	16,0
5	BERNARDO SEQUEIRA	12	8	7	27	18,0
6	BRUNO FORTUNATO	10	5	5	20	13,3
7	BRUNO CHAMBEL	12	9	7	28	18,7
8	CARLOS CASIMIRO	12	9	7	28	18,7
10	DANIELA ROSA	10	6	5	21	14,0
11	DANIELA LEITAO	12	10	7	29	19,3
12	DIANA MOREIRA	12	8	6	26	17,3
15	GONÇALO RIBEIRO	12	5	5	22	14,7
16	GONÇALO DIAS	F	F	F	F	F
17	HELENA GOMES	F	F	F	F	F
18	INES BARREIRA	11	7	6	24	16,0
20	JOAO AFONSO	12	5	5	22	14,7
22	JOAO FRANCISCO	12	9	7	28	18,7
23	JOAO MARTIM	12	8	6	26	17,3
24	LILIANA GONÇALVES	12	6	5	23	15,3
26	MARTA SARAIVA	11	6	5	22	14,7
27	PEDRO TUNA	12	7	6	25	16,7
28	RENATA OLIVEIRA	F	F	F	F	F
29	RITA AFONSO	F	F	F	F	F
31	SUSANA AZINHEIRA	F	F	F	F	F
34	DUARTE FERNANDES	F	F	F	F	F



ESCOLA SECUNDÁRIA FERNÃO MENDES PINTO

Lesson Plan: "Creative Writing"

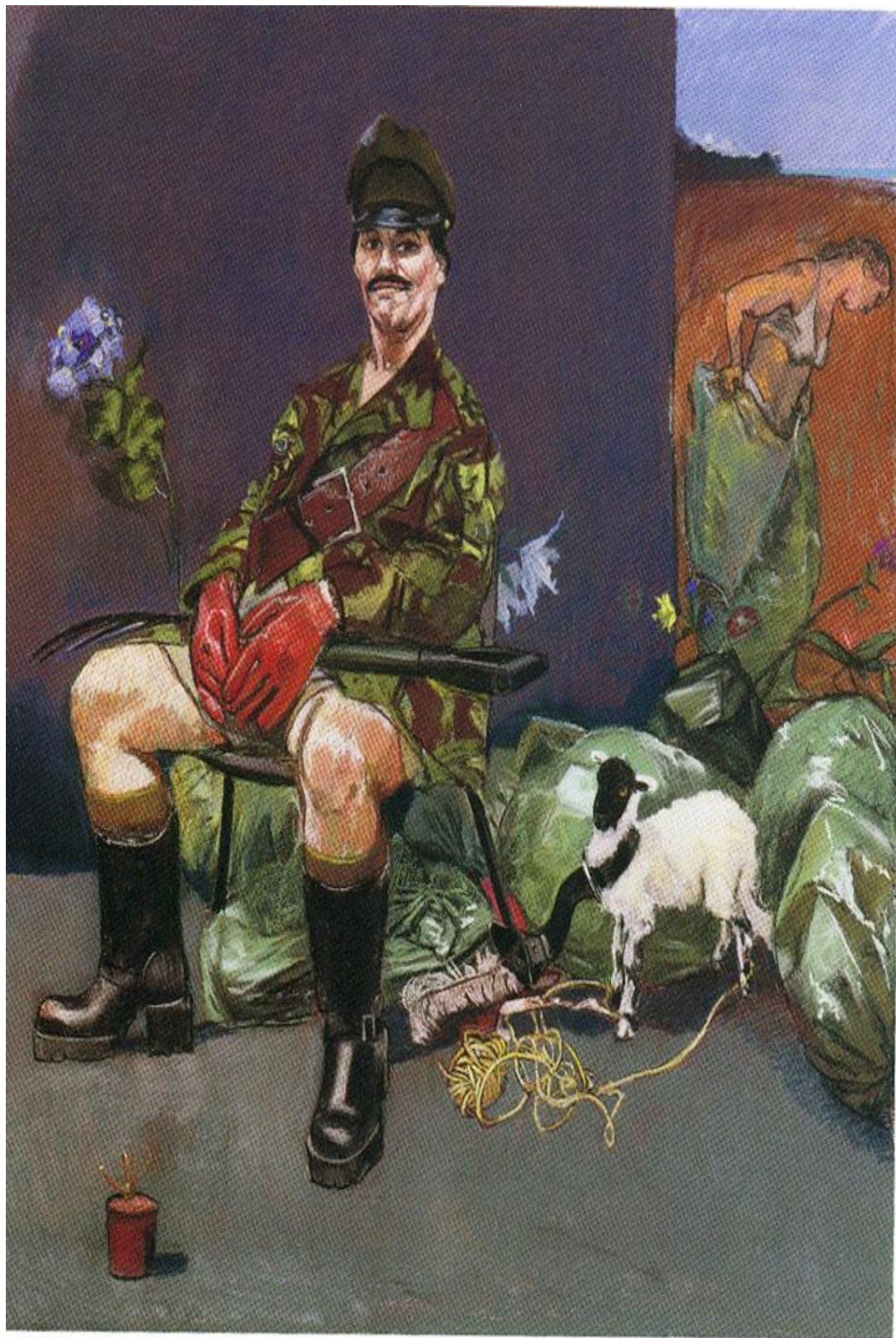
Class: 11th 1
Class size: 28 Students

Level: 11th
Date: 14th April 2010

Teacher: Pedro Castro
Length: 90'

Aims	Procedures	Focus	Work Pattern	Materials	Time
To gather Ss' ideas on the topic "creative writing"	T writes "creative writing" on the board and asks Ss to come up with ideas related to it; Ss will be asked to justify their suggestions.	Speaking	Plenary Work	Board	15'
To discuss some questions concerning the topic "creative writing"	T asks Ss some questions: <ul style="list-style-type: none"> - What kind of stories do you know? (What types / genres?) - What do you need before you start writing a story? - In which parts can a story be divided? - What techniques do you (would you) use to write? 	Speaking	Plenary Work		15'
To check some vocabulary needed for the following activity	T hands out a worksheet with vocabulary concerning the subject "creative writing" and the whole class reads and comments it together.	Reading Speaking	Plenary Work	Worksheet	15'
To write a story based on a picture	Ss write a story based on a painting by Paula Rego ¹ .	Writing	Group Work (defined groups)	Paintings Worksheet	45'

¹ The stories, after being corrected by the teacher, will be recorded in a CD (some students will be selected to read the group's story aloud to an MP3 recorder and each student from the class will be given a sample of it).

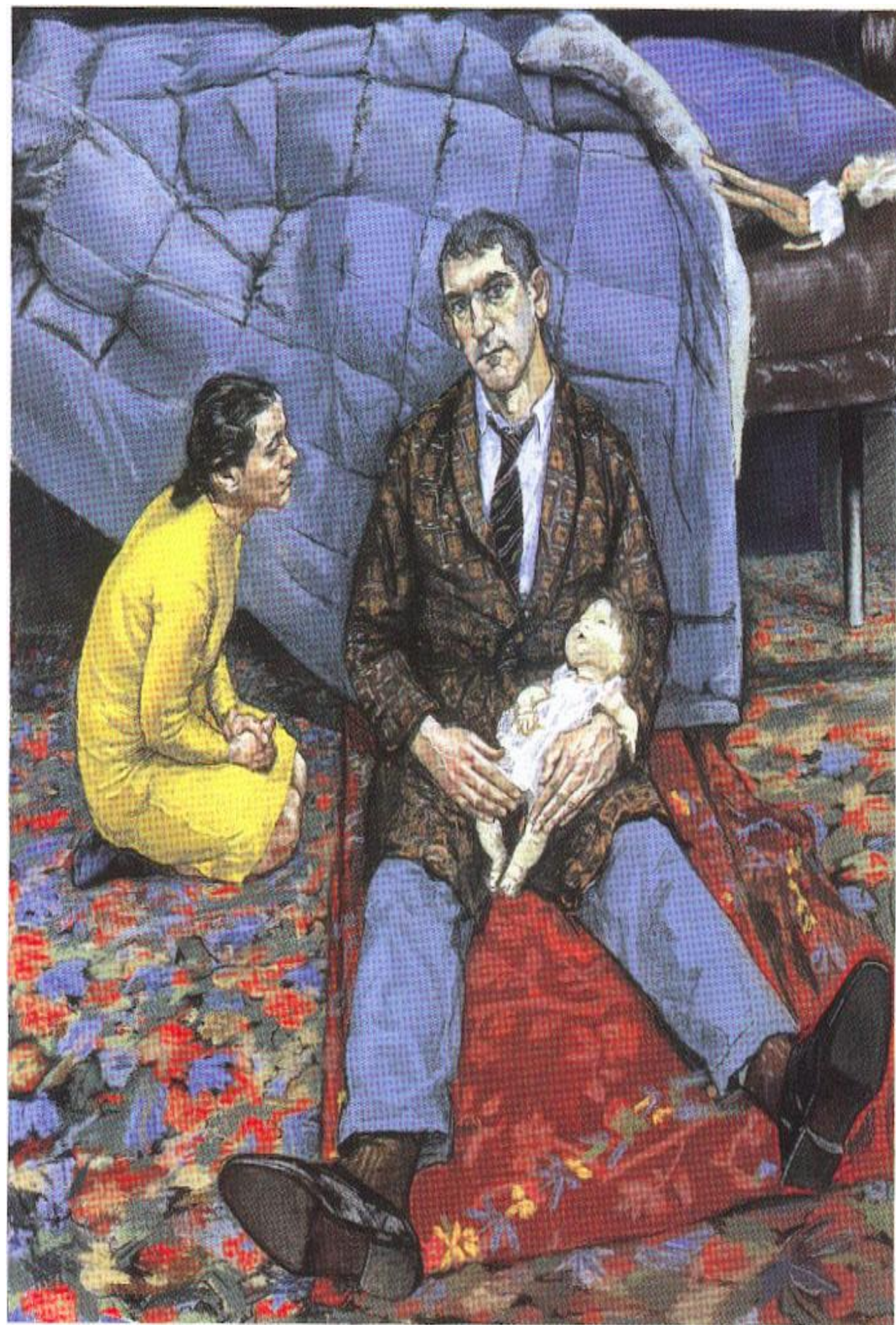












“Creative Writing”

1. Before you start writing your story, please try to describe the picture:

a) Think of at least 3 adjectives and 3 emotions which the picture evokes:

Adjectives	Emotions

b) Give a title to the picture (If you want, this will be the title of your story)

2. Now think of the following:

- a) Characters (names, description; etc.)
- b) Setting (Where?)
- c) Time (When?)
- d) Central conflict (What’s the story based on?)
- e) Plot (What happens throughout the story? What are the main events?)

3. Notes:

- a) Structure your story (introduction; rising action or development; and resolution)
- b) Try to create an unexpected ending for your story
- c) Use some expressions / vocabulary from the list below:

Useful Vocabulary:

Describing feelings	Time phrases	Ending the story
Feeling completely desperate, he /she / they...	Before long...	In the end...
To his/her horror...	By this time...	But the story doesn’t end there, because...
In despair, he / she...	From that moment onwards...	
He / she / they was / were in for a surprise, when...	Ten weeks / months / years went by...	



Class: 11^o1 / 14th April 2010

“Creative Writing” - Groups¹

Group 1:

- Bruno Chambel
- António Pólvora
- Duarte Figueiredo
- Inês Barreira

Group 2:

- Carlos Casimiro
- Andreia Santos
- Diana Moreira
- Pedro Tuna

Group 3:

- João Martim
- Beatriz Paiva
- Daniela Rosa
- João Afonso

Group 4:

- Daniela Leitão
- Gonçalo Ribeiro
- Rita Afonso
- Renata Oliveira

Group 5:

- João Francisco
- Bruno Fortunato
- Helena Gomes
- Liliana Gonçalves
- Susana Azinheira

Group 6:

- Bernardo Sequeira
- Ana Pontes
- Gonçalo Dias
- Marta Saraiva

¹ The groups were selected by the teacher in order to combine students with different levels of proficiency;

Lollitah

I was standing anxiously in the waiting room, when the doctor dropped the news:

- It was a difficult birth and sadly, although we did everything we could, your wife suffered an internal bleeding and passed away.
- What about the baby?
- We're still not sure; she might have suffered some brain damage due to oxygen privacy.
- Oh, I can't believe it! Is she going to be ok?
- We don't know yet...

A rush of sadness, emptiness and grief took over my body. I lost track of time and I just stood there. I couldn't believe my wife was gone.

Seven months went by.

It was hard raising a baby alone. Luckily, my sister was a precious help. Very often she would stay home with Kiki. Because the oxygen privacy, she had suffered brain damage, so she needed special care. Therefore, I developed an even more loving and caring relationship with her. Right now, she's all I've got left. She's my whole world.

That same day, my sister had been with Kiki the whole morning:

- Hello Niko.
- Hi sis. How is Kiki today? – I asked reluctantly.
- She's doing fine but I'm worried that her disease is slowly and quietly developing.
- Why would that be?
- Well, she has been dropping everything she grabbed today and she often doesn't hear me calling for her.
- I'm getting worried too. Her blood testes didn't turned out the way I expected.
- Brother, I think you should get prepared.
- I already lost one. I can't loose another one.
- You're right. Keep your hopes on. I have to go now... Bye brother, bye Kiki.
- Goodbye Kate. Thank you...

The doctors told me about a new treatment that could work on her but, unfortunately, right now, I couldn't afford it and the insurance couldn't cover it, but nothing was going to stop me. So I took another shift, worked for more hours, did every thing I could and everything I couldn't in order to afford the treatment. A few months later, I had gathered enough money to put Kiki through the treatment. But the hard part was about to start. It was very painful for Kiki; she screamed and cried every time. In these sad moments, I thought if it was worth it.

On the day they called to inform me that Kiki's finale results were ready, I phoned my sister to come over and look after Kiki. When she arrived, I immediately took off. In the hospital, since I knew every corner of it, I went straight to the doctor's office to get the blood tests.

- You can smile know. Kiki is cured!

I hugged the doctor. My eyes started tearing, beams of sun brighten up the room and the peaceful silence gently warmed my heart my heart. While I was driving, the sky looked different, the trees looked greener and even the sun smiled back at me.

- Kate, Kate! Come here quickly! She's cured!
- Oh gosh, finally!
- I'm so happy... Let me go to the basement and get a bottle of champagne!

I passed through Kiki and kissed her as I was going to the basement. Then, I went back up ad she was crawling on the floor.

- Finally, good news!
- After all the work, all the pain, all the suffering, she's ok.

Suddenly, a strange noise coming from the basement shattered our happiness. I had left the door slightly opened. We walked down the stares in a dreadful silence, our hearts pounding, only to find a baby angel laying there dead on the floor. Everything was over again.

Andreia Santos, nº 2

Carlos Casimiro, nº 8

Diana Moreira, nº 12

Pedro Tuna, nº 27

Name: _____ Nummer: _____

I

Beantworten Sie die folgenden Fragen:

1. Was passierte am 9. November 1989?

2. An welchem Tag feiert man die Wiedervereinigung?

3. Was hat Kerstin am besten gefallen, als sie nach Westberlin gefahren ist?

4. Warum sagt Jan, dass die Westdeutschen nicht sehr nett zu den Ostdeutschen waren?

5. Welche Nachteile der Öffnung der Berliner Mauer werden von Karin erwähnt?

II

Wo steht es im Text?

1. Damals waren die Leute in Westberlin nett. (Kerstin)

2. Die Öffnung der Berliner Mauer hatte auch Nachteile, besonders für die Berliner. (Karin)

3. Es war schwer, Wohnungen und Arbeitsplätze in Berlin zu finden. (Karin)

4. Oft waren die Westdeutschen nicht nett zu den Ostdeutschen. (Jan)

5. Nach Westberlin zu gehen war ein Traum. (Kerstin)

III

Füllen Sie die Lücken aus:

In diesem Text wird man über die _____ der Berliner Mauer informiert. Man erfährt die Meinung von drei Jungen, die zu dieser Zeit in _____ wohnten.

Zuerst spricht Kerstin von dem, was sie besonders beeindruckte, als sie nach dem Mauerfall nach _____ gefahren ist. Danach spricht Jan, der auch in Ostberlin wohnte, von seiner Erfahrung und erzählt, dass die Westdeutschen arrogant zu den _____ waren. Zuletzt gibt Karin, damals aus Westberlin, ihre Meinung dazu. Ihrer Meinung nach gab es nicht nur Vorteile, sondern auch Nachteile. Sie sagt noch, die Westdeutschen wollten doch die _____.

1 Jahr danach: DIE ÖFFNUNG DER BERLINER MAUER

9. November 1989: Die DDR öffnet die Berliner Mauer. Die Grenze* zwischen Ost- und Westdeutschland fällt. Seit dem 3. Oktober 1990 gibt es nur noch ein Deutschland.

Zehn Monate danach, im September 1990, hat SCHUSS Jugendliche in Ost- und Westberlin befragt. Wir wollten



Kerstin (16 Jahre)

wissen: „Was hat sich für euch seit dem 9. November 1989 geändert?“

Kerstin (16 Jahre) aus Ostberlin erzählt: „Wir sind damals sofort nach Westberlin gefahren. Es war wie im Traum: die vielen Geschäfte, die glitzernden Schaufenster. Mir hat am besten gefallen, daß die Leute so nett waren. Das ist jetzt leider nicht mehr so. Meine Freundinnen und ich fahren oft mit der S-Bahn* in den Westen. Aber wir haben schnell gemerkt, daß viele Westdeutsche über



9. November 1989: Die Berliner Mauer ist offen



Jan (17 Jahre)

uns meckern*. Sie sagen: „Die kommen immer rüber und kaufen uns die Läden leer!“ Aber das stimmt gar nicht. Wir wollen doch nur gucken!“

Jan (17 Jahre) aus Ostberlin sagt: „Manchmal schäme* ich mich, weil ich Ostdeutscher bin. Seit die Grenze offen ist, kommen viele Westdeutsche nach



Karin (16 Jahre)

Ostberlin. Sie sagen: „Wir wollen mal sehen, wie es drüben aussieht!“ Die Westdeutschen sind nicht sehr nett zu uns; sie lachen uns aus, weil wir so rückständig* sind. Ich finde das nicht gut. Wir leben doch hier . . .“

Karin (16 Jahre) aus Westberlin erzählt: „Ich finde es gut, daß die Grenze offen ist. Aber das hat für Berliner auch Nachteile: Immer mehr Ostdeutsche kommen nach Westberlin. Die Stadt ist voll: Es gibt keine Wohnungen mehr, Arbeitsplätze sind knapp*. Viele Westberliner schimpfen deshalb über die Umsiedler*. Das finde ich aber nicht gut – auch wir im Westen wollten doch die Wiedervereinigung*!“

Foto: Inter Nationes

Fotos: David Simson

Unterrichtsplan

Themen: Die Firma Rad-Rapid; Der Arbeitsplatz	Klasse: 11.5	Datum: 2. Dezember 2009
Einheit: Arbeit und Beruf	Niveau: A2	Stunde: 90 Minuten
Buch: <i>Optimal A2</i>	Lehrer: António Oliveira Pedro Castro	Schüler: 9

Zeit/ Minuten	U-Phasen	Unterrichtsschritte	U-Formen	Medien
17:20-17:24 4'	Einstieg	L. fragt die Schüler, was man nach dem Studium machen kann	Plenum	
17:24-17:31 7'	Einstieg	L. zeigt den Schülern ein Bild von einer Fahrradkuriererin und fragt: - Was sieht man auf diesem Bild? - Was trägt das Mädchen? - Welcher Beruf hat dieses Mädchen? - Was macht eine Fahrradkurierin?	Plenum	Bild
17:31-17:41 10'	Erarbeitung	S. lesen den Text <i>Die Firma Rad-Rapid</i> (Seite 54): L. stellt fragen zum Text: - Wie heisst diese Firma? - Wo steht sie? - Was transportiert Mona? - Wer hat diese Firma gegründet? - Wie war es am Anfang? War es immer leicht und gut? Warum?	Einzelarbeit Plenum	Buch Buch
17:41-17:51 10'	Erarbeitung	L. verteilt eine Tabelle. S. lesen die 2 letzte Texte der Seite 54 und ergänzen die Tabelle mit Informationen vom Text.	Plenum Einzelarbeit	Arbeitsblatt Buch
17:51-18:08 12' 5'	Erarbeitung	S. beobachten einige Bilder (Seite 58) und verbinden sie mit den gegebenen Wörtern (Ü A15). S. verbinden die Bilder mit einigen Ausdrücken (Ü A16).	Partnerarbeit	Buch
18:08-18:15 7'	Vertiefung	L. fragt: "Was macht Mona in der Firma Rad-Rapid?" L. schreibt <i>Fahrradkurierin</i> an die Tafel und bittet den Schülern, an andere Berufe zu denken.	Plenum	Tafel

18:15-18:30 15'	Vertiefung	<p>L. verteilt einige Bilder, die mit verschiedene Berufen zu tun haben. S. gehen an die Tafel und verbinden die Bilder mit den passenden Berufen. Zu den Bildern, die übrig bleiben, sollen die Schüler die richtige Berufe herausfinden. S. schreiben an die Tafel die Endungen der Berufen im maskulin oder feminin</p>	Plenum	Bilder Tafel
18:30-18:40 10'	Reflexion	<p>L. fragt: - Was möchtet ihr in der Zukunft werden? - Was möchtet ihr nie werden? - Warum? Warum nicht?</p>	Plenum	
18:40-18:50 10'	Ergebnis- sicherung	<p>S. schreiben einen kleinen Text zum Thema: "Was ist dein Traumberuf?"</p>	Einzelarbeit	Arbeitsblatt

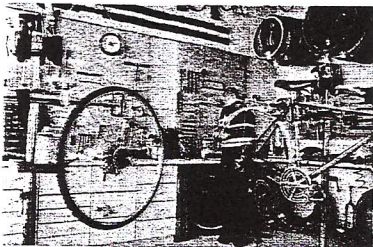


1 – Lesen Sie die Texte über Michelle und Mona auf Seite 54 und füllen Sie die Tabelle aus!

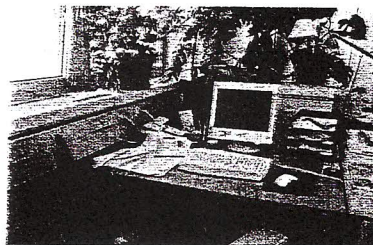
	<i>Positives</i>	<i>Negatives</i>
Michelle Schneider		
Mona Coppi		

2 – Wo ist das? Suchen Sie auf den Fotos!

die Zange • die Tastatur • die Pflanze • der Stuhl • der Stift • die Luftpumpe • der Kaffee
der Hammer • der Automat • das Telefon • der Reifen • die Lampe • die Bremse



Die Werkstatt



Das Büro



Die Kantine

Die Werkstatt	Das Büro	Die Kantine

3 – Wo macht man das? In der Werkstatt, im Büro oder in der Kantine?

a) ein Formular ausfüllen	f) den Bildschirm anmachen
b) Pause machen	g) eine E-Mail lesen
c) Kaffee trinken	h) einen Brief schreiben
d) die Bremse reparieren	i) ein Dokument kopieren
e) eine Suppe kochen	j) den Reifen flicken

4 – Schreiben Sie einen kleinen Text (ungefähr 50 - 60 Wörter) zum Thema „Was ist mein Traumberuf?“

- Was möchten Sie in der Zukunft werden?
- Was gefällt Ihnen an diesem Beruf?
- Was macht man in diesem Beruf?
- Wo kann man diesen Beruf ausüben?
- Möchten Sie im Ausland arbeiten oder in Ihrem Land bleiben?
- ...

This image shows a single sheet of white paper with horizontal blue or grey ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are approximately 20 lines visible. The paper appears to be a standard notebook page or a sheet of stationery. There is no handwriting or other markings on the page.

GUTE ARBEIT!

Dezember 2009

Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

Unterrichtsplan

Buch: Optimal A2 Einheit: Thema: Kurzgeschichte „Die Prinzessin auf der Erbse“	Klasse: 11.5 Niveau: A2 Lehrer: Pedro Castro	Datum: 02. März 2010 Stunde: 90 Minuten Schüler: 9
---	---	---

<u>Lernziele:</u> Am Ende des Unterrichts können die Schüler: - Die Geschichte „Die Prinzessin auf der Erbse“ sinngemäß verstehen; - Das Passiv/Aktiv erkennen und verwenden.
--

<u>Inhalte</u>		
Sprachhandlung: - Einen Abschnitt zusammenfassen. - Einen Text ausdrucksvoll vorlesen.	Grammatik: - Passiv: werden + Partizip II	Wortschatz: - Liebe / Beziehungen

Minuten	U-Phasen	Unterrichtsschritte	Fertigkeit	U-Form	Medien
12‘	Einstieg	L. schreibt den Titel der Geschichte an die Tafel („Die Prinzessin auf der Erbse“) und bittet die Schüler, über die Geschichte zu spekulieren.	Sprechen	Plenum	Tafel
10‘	Erarbeitung	L. gibt die Texte aus; Die Schüler lesen den ganzen Text vor.	Lesen (Vorlesen)		Text
15‘		S. unterstreichen die Schlüsselwörter, die ihrer Meinung nach für das Verstehen der Geschichte bedeutend sein können. Die Wörter werden an die Tafel geschrieben	Lesen	Einzelarbeit	Text Tafel

15‘	Reflexion	S. sollen Abschnitte vom Text in einem Satz zusammenfassen, damit sie die Geschichte sinngemäß verstehen können.	Schreiben	Partnerarbeit	Arbeitsblatt 1
12‘		S. bekommen einige Ausdrücke. Damit sollen sie Sätze zu der Geschichte schreiben. S lesen ihre Sätze vor.	Schreiben	Einzelarbeit	Arbeitsblatt 1
5‘		S. lesen einen Satz vom Text: „Am Morgen <u>wurde</u> sie <u>gefragt</u> , wie sie geschlafen hätte.“ L. fragt: - Welche Struktur kann man in diesem Satz erkennen?	Grammatik	Plenum	
6‘	Ergebnissicherung	Den vorangegangenen Satz sollen die S. ins Aktiv setzen. L. korrigiert und erklärt den Satz an die Tafel.	Grammatik	Einzelarbeit	Arbeitsblatt 1 Tafel
15‘		S. sollen zwei ausgewählte Sätze vom Text ins Passiv setzen. S. schreiben die Lösung an die Tafel, die von der ganzen Klasse kommentiert und korrigiert wird.	Grammatik	Einzelarbeit	Arbeitsblatt 1 Tafel

Die

FEUERBERG
MOUNTAIN RESORT
WELLNESS & SPA

Schlaf gut - Geschichte

Hans Christian Andersen

Die Prinzessin auf der Erbse

Es war einmal ein Prinz, der wollte eine Prinzessin heiraten. Aber das sollte eine wirkliche Prinzessin sein. Da reiste er in der ganzen Welt herum, um eine solche zu finden, aber überall fehlte etwas.

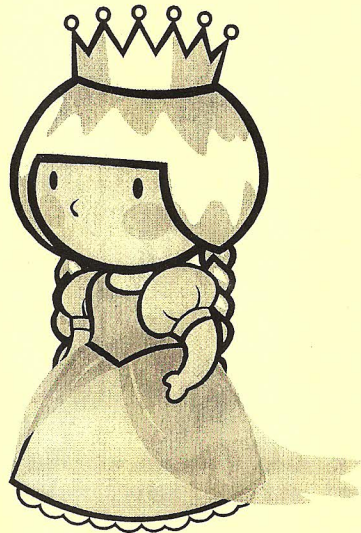
Prinzessinnen gab es genug, aber ob es wirkliche Prinzessinnen waren, konnte er nie herausfinden. Immer war da etwas, was nicht ganz in Ordnung war. Da kam er wieder nach Hause und war ganz traurig, denn er wollte doch gern eine wirkliche Prinzessin haben.

Eines Abends zog ein furchtbares Wetter auf; es blitzte und donnerte, der Regen stürzte herab und es war ganz entsetzlich. Da klopfte es an das Stadttor, und der alte König ging hin, um aufzumachen. Es war eine Prinzessin, die draußen vor dem Tor stand. Aber wie sah sie vom Regen und dem bösen Wetter aus! Das Wasser lief ihr von den Haaren und Kleidern herab, lief in die Schnäbel der Schuhe hinein und zum Absatz wieder hinaus. Sie sagte, dass sie eine wirkliche Prinzessin wäre.

Ja, das werden wir schon erfahren!' dachte die alte Königin, aber sie sagte nichts, ging in die Schlafkammer hinein, nahm alles Bettzeug ab und legte eine Erbse auf den Boden der Bettstelle. Dann nahm sie zwanzig Matratzen, legte sie auf die Erbse und dann noch zwanzig Eiderdaunendecken oben auf die Matratzen. Hier sollte nun die Prinzessin die ganze Nacht über liegen.

Am Morgen wurde sie gefragt, wie sie geschlafen hätte. »Oh, entsetzlich schlecht!« sagte die Prinzessin. »Ich habe fast die ganze Nacht kein Auge geschlossen! Gott weiß, was in meinem Bett gewesen ist. Ich habe auf etwas Hartem gelegen, so dass ich am ganzen Körper ganz braun und blau bin! Es ist ganz entsetzlich!

«Daran konnte man sehen, dass sie eine wirkliche Prinzessin war, da sie durch die zwanzig Matratzen und die zwanzig Eiderdaunendecken die Erbse gespürt hatte. So feinfühlig konnte niemand sein außer einer echten Prinzessin. Da nahm sie der Prinz zur Frau, denn nun wusste er, dass er eine wirkliche Prinzessin gefunden hatte. Und die Erbse kam auf die Kunstkammer, wo sie noch zu sehen ist, wenn sie niemand gestohlen hat.



1. Benutzen Sie die folgenden Ausdrücke, um Sätze zu bilden!

- a) In dieser Geschichte geht es um...
- b) Das Thema dieser Geschichte ist...
- c) Diese Geschichte handelt von...

2. „Am Morgen wurde sie gefragt, wie sie geschlafen hätte“

- a) welche Struktur kann man in diesem Satz erkennen?

- b) Setzen Sie den Satz ins Aktiv!

3. Setzen Sie die folgende Sätze ins Passiv!

- a) Hans Christian Andersen hat „Die Prinzessin auf der Erbse“ geschrieben.

- b) Die alte Königin legte zwanzig Matratzen auf die Erbse.

Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

Unterrichtsplan

Buch: Optimal A2 Einheit: Thema: Kurzgeschichte „Die Prinzessin auf der Erbse“	Klasse: 11.5 Niveau: A2 Lehrer: Pedro Castro	Datum: 03. März 2010 Stunde: 90 Minuten Schüler: 9
---	---	---

<u>Lernziele:</u> Am Ende des Unterrichts können die Schüler: - Eine Geschichte anhand von Bildern und Schlüsselwörtern mündlich wiedergeben - Verben im Präteritum erkennen

<u>Inhalte</u>		
Sprachhandlung: - Bilder beschreiben - Sätze umschreiben	Grammatik: - Präteritum	Wortschatz: - Liebe / Beziehungen

Minuten	U-Phasen	Unterrichtsschritte	Fertigkeit	U-Form	Medien
15‘	Einstieg	L. zeigt ein Bild, das mit der Geschichte „Der Prinzessin auf der Erbse“ zu tun hat. Dazu werden die S. gefragt: - Was sieht man auf dem Bild? - Womit verbindet ihr das Bild? - Wie sieht die Prinzessin aus?	Sprechen	Plenum	Bild
20‘		Anhand des Bildes und den Schlüsselwörter vom vorherigen Unterricht sollen die S. die Geschichte mündlich wiedergeben.	Sprechen	Plenum	Bild Tafel

20‘	Erarbeitung	S. bearbeiten die Bedeutung verschiedener Ausdrücke vom Text; Sie sollen diese Ausdrücke erklären und anders schreiben	Schreiben	Einzelarbeit	Arbeitsblatt 2
12‘	Reflexion	S. sollen die Gegenwörter von einigen Wörtern im Text finden.	Lesen	Einzelarbeit	Arbeitsblatt 2
8‘		S. lesen einen Satz vom Text: „Prinzessinnen <i>gab</i> es genug, aber ob es wirkliche Prinzessinnen <i>waren</i> , <i>konnte</i> er nie herausfinden“	Grammatik	Plenum	Arbeitsblatt 2
		Dazu fragt der L.: <ul style="list-style-type: none"> - Was haben die unterstrichenen Verben gemeinsam? - Was ist der Infinitiv dieser Verben? 	Grammatik		
15‘	Ergebnissicherung	S. sollen den Text überfliegen und noch drei Sätze im Präteritum suchen. Sie sollen die Verben unterstreichen und den Infinitiv erkennen.	Grammatik	Partnerarbeit	Arbeitsblatt 2



1. Was bedeutet das? Schreiben Sie anders!

- a) „Ich habe fast die ganze Nacht kein Auge geschlossen!“ (Abschnitt 5)

- b) „Da nahm sie der Prinz zur Frau (...)“ (Abschnitt 6)

- c) „Eines Abends zog ein furchtbares Wetter auf.“ (Abschnitt 3)

2. Finden Sie die Gegenteile im Text! (Es gibt ein Wort zu jedem Abschnitt)

- | | |
|------------------|--------------|
| a) falsche | d) unten |
| b) glücklich | e) gut |
| c) fantastisches | f) gefühllos |

3. Achten Sie auf den folgenden Satz!

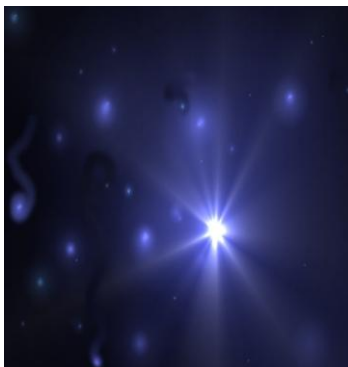
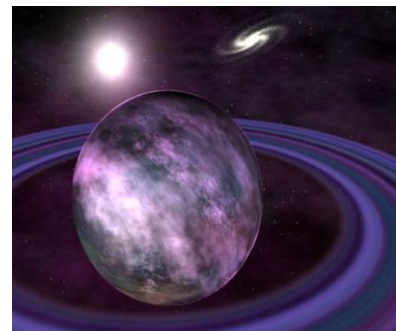
„Prinzessinnen gab es genug, aber ob es wirkliche Prinzessinnen waren, konnte er nie herausfinden.“

- a) Was haben die unterstrichenen Verben gemeinsam?

- b) Suchen Sie im Text noch drei Sätze im Präteritum!

A – Verbinen Sie die Bilder mit den passenden Begriffen!

Geograph (r)	Tier (s)	Schlange (e)	Vulkan (r)	Stern (r)	Schiff (s)
Wüste (e)	Erde (r)	Forscher (r)	Blume (e)	Planet (r)	Berg (s)



A – Hören Sie den Text zu und wählen Sie die richtige Option aus!

1. Auf dem sechsten Planet traf der kleine Prinz ...

- a) einen Geograph
- b) einen Forscher
- c) ein hübsches Mädchen

2. Ein Geograph ...

- a) weiss, wo sich die Leute befinden
- b) weiss, was sich in der Zukunft passieren wird
- c) weiss, wo sich die Meere, die Ströme, die Städte, die Berge und die Wüsten befinden

3. Der Kleine Prinz denkt, dass ...

- a) es da sehr warm ist
- b) dieser Planet sehr schön ist
- c) er schon auf diesem Planet gewesen war

4. Der Geograph erklärt, dass ...

- a) es keine Forscher gibt, deswegen kann er nichts wissen
- b) die Sonne in der Nähe liegt, deshalb ist es sehr warm
- c) er ziemlich müde ist, weil er viel Arbeit hat

5. Der Kleine Prinz wird gefragt, ...

- a) wie er heisst
- b) was sein Lieblingsessen ist
- c) seinen Planet zu beschreiben

6. Die Blumen werden nicht aufgeschrieben, weil ...

- a) sie das Schönste sind
- b) sie vergänglich sind
- c) sie zu viele Farben haben

7. Die Geographiebücher zeigen ...

- a) nur die ewige Dinge
- b) nur die erloschenen Vulkane
- c) nur die Tiere, die schon gestorben sind

8. Der Kleine Prinz ist traurig, denn ...

- a) er hat noch keine Freundin getroffen
- b) der Geograph ist sehr unfreudlich
- c) er hat seine Blume alleine gelassen

A – Benutzen Sie die folgenden Wörter, um den Text zu ergänzen!

Schlange (s)	Menschen (e)	Afrika (s)	Wüste (e)	Finger (r)
König (r)	Planet (r)	Erde (e)	Blume (e)	Tier (s)

Einmal auf der _____ wunderte sich der kleine Prinz, weil er niemand sah. Dann sah er ein _____, das im Sand bewegte. Es war eine _____. Sie sprachen miteinander und die Schlange sagte ihm, dass er auf der Erde und zwar in _____ war. Sie waren in der _____, deswegen gab es niemand da, erklärte die Schlange. Danach fragte sie, was er auf diesem _____ machen wollte. Der kleine Prinz sagte, er habe Schwierigkeiten mit einer _____.

- Wo sind die _____? Man ist ein bisschen einsam in der Wüste – fragte der kleine Prinz während des Gespräches.
- Man ist auch bei den Menschen einsam – antwortete die Schlange.

Sie sprachen weiter und dann bemerkte der kleine Prinz:

- Du bist ein drolliges Tier. Dünn wie ein _____!

Die Schlange antwortete:

- Aber ich bin mächtiger als der Finger eines _____.

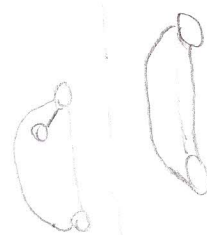
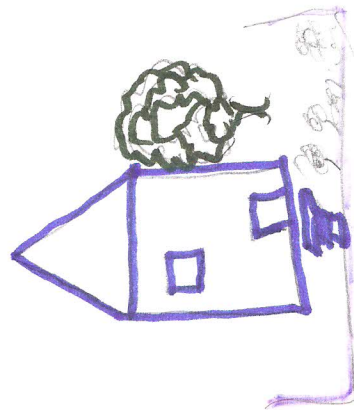
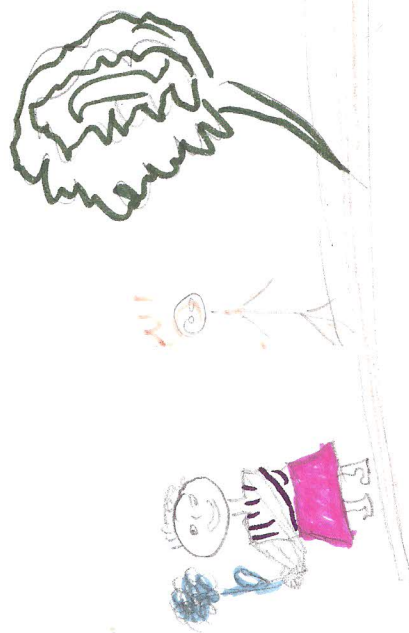
(...)

B – Erklären Sie die Bedeutung von den folgenden Sätzen!

- a) „Aber ich bin mächtiger als der Finger eines _____“

- b) „Ich kann dich weiter wegbringen als ein Schiff.“

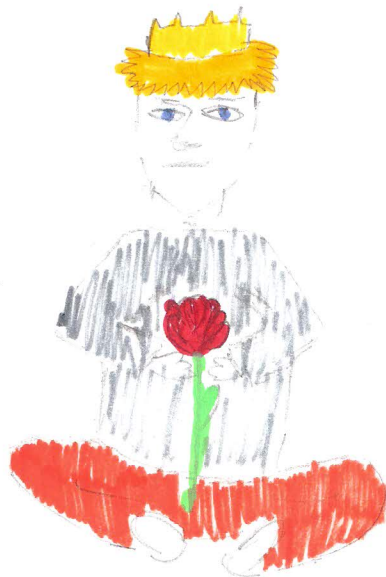
Mr. Gower und Herrin Visnudas



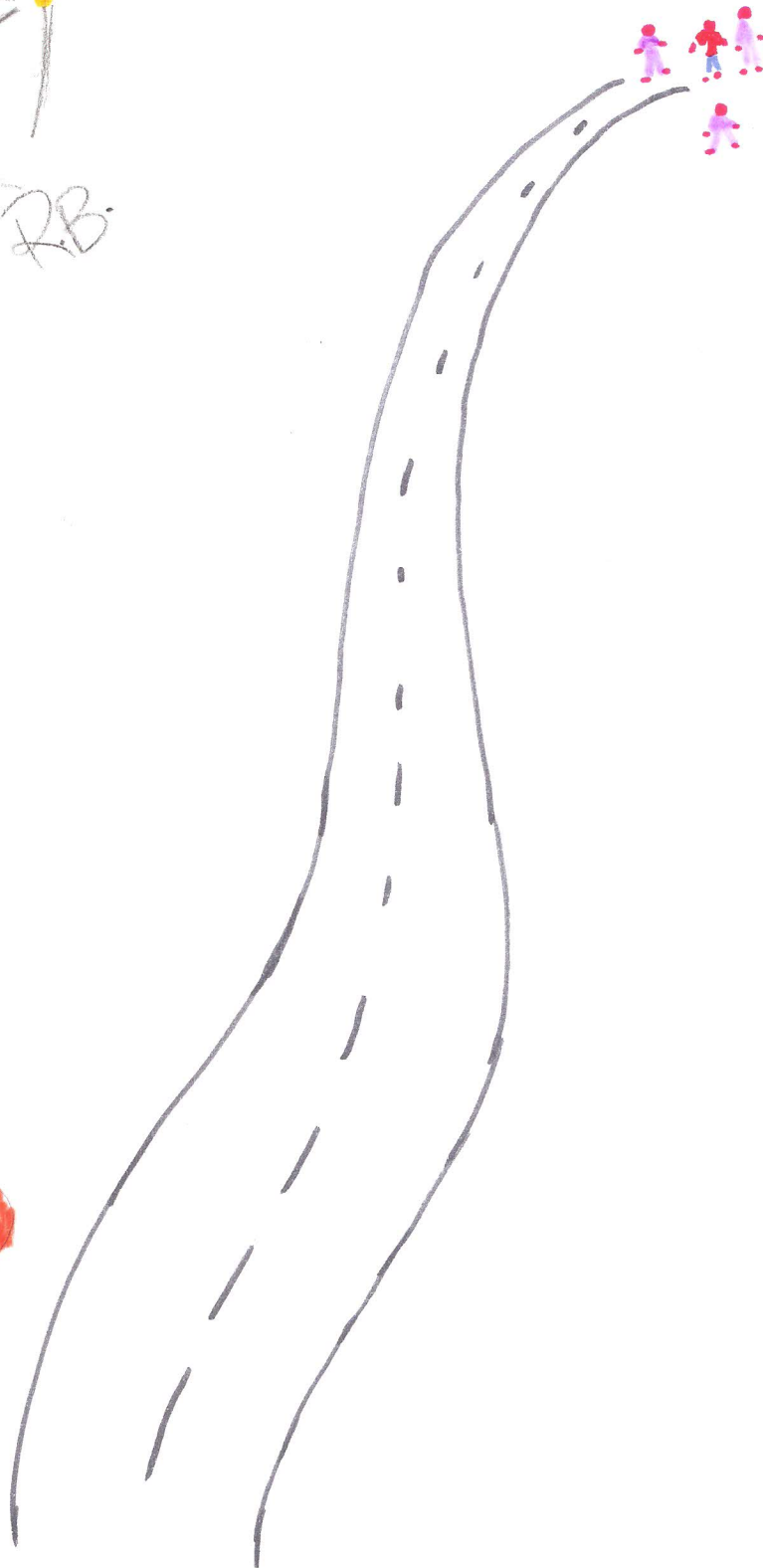
RA Raquel & Abel



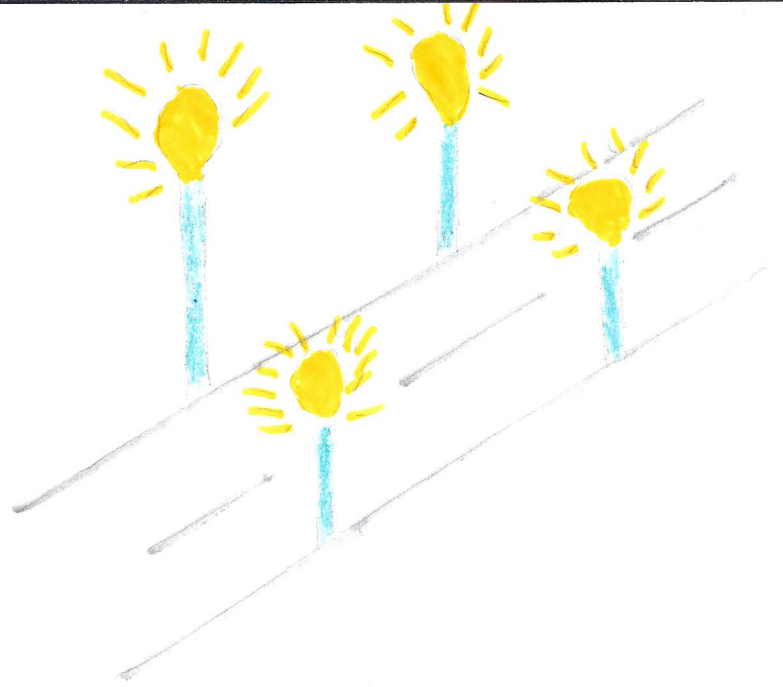
R.B.



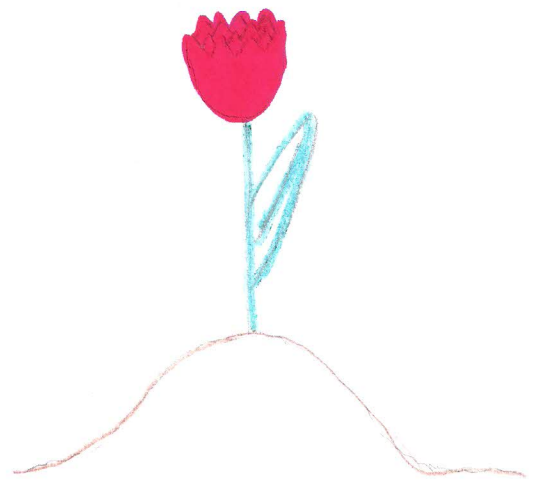
RA



Rita de Sousa
Maria Soares



Du läbst
Deutsch?



Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

Unterrichtsplan

Buch: Optimal A2 Einheit: Thema: Lied „Das Beste“ (von Silbermond)	Klasse: 11.5 Niveau: A2 Lehrer: Pedro Castro	Datum: 19. Januar 2010 Stunde: 90 Minuten Schüler: 10
---	---	--

<u>Lernziele:</u> Am Ende des Unterrichts können die Schüler: <ul style="list-style-type: none"> - Verschiedene Adjektive benutzen, um ein Lied zu beschreiben - den Unterschied zwischen der Umstellung und der Endstellung erkennen - Sätze mit der Endstellung / Umstellung schreiben
--

<u>Inhalte</u>		
Sprachhandlung: <ul style="list-style-type: none"> - Bilder beschreiben - Ein Lied zuhören / beschreiben 	Grammatik: <ul style="list-style-type: none"> - Satzstruktur: Umstellung / Endstellung 	Wortschatz: <ul style="list-style-type: none"> - Liebe / Beziehungen

Minuten	U-Phasen	Unterrichtsschritte	Fertigkeit	U-Form	Medien
15'	Einstieg	L. zeigt ein Bild von der Band <i>Silbermond</i> und fragt: <ul style="list-style-type: none"> - Was sieht ihr auf dem Bild? - Wie sehen die Mitglieder der Band aus? - Was für Musik spielen sie? 	Sprechen	Plenum	Bild
20'	Erarbeitung	S. ergänzen eine Tabelle und beantworten einige Fragen mit Informationen von der Band, über die sie zu Hause recherchiert haben.	Schreiben	Partnerarbeit	Arbeitsblatt 1

15‘	Reflexion	Das Lied “Das Beste” wird gespielt. Dazu sollen die Schüler einen Lückentext ausfüllen. (Das Lied wird maximal 2x gespielt)	Hören	Einzelarbeit	CD-Spieler Lückentext
10‘		L. schreibt den Titel des Lieds an die Tafel (“Das Beste”) und die Schüler schlagen Adjektive vor, um das Lied zu beschreiben.	Sprechen	Plenum	Tafel
15‘		S. bekommen einige Ausdrücke und damit sollen sie sich zu dem Lied äußern. <ul style="list-style-type: none"> - Meiner Meinung nach... - Von meiner Standpunkt aus... - Für mich... - Ich denke, dass... - Ich glaube, dass... - Das Lied ist...weil... 	Schreiben Grammatik	Einzelarbeit	Arbeitsblatt 1
15‘	Ergebnisicherung	S. schreiben die Sätze an die Tafel. L. erklärt die Struktur (Umstellung / Endstellung) und korrigiert die Sätze (wenn nötig)	Grammatik	Plenum	Tafel



1. Füllen Sie die Tabelle aus mit den Informationen, die Sie zu Hause recherchiert haben!

	Stefanie Kloß		Johannes Stolle	Thomas Stolle
Woher?				
Instrument / Funktion		Schlagzeug		

2. Beantworten Sie folgende Frage!

a) Wann wurde die Band gegründet?

b) Wie viele Albums haben sie schon?

c) Was für eine Musik spielen sie?

3. Wie finden Sie das Lied? Sammeln Sie Adjektive!

-
-
-
-
-
-

4. Benutzen Sie die vorangegangenen Adjektive, um Sätze zu bilden!

- a) Meiner Meinung nach...
- b) Für mich...
- c) Von meinem Standpunkt aus...
- d) Ich denke, dass...
- e) Ich glaube, dass...
- f) Das Lied gefällt mir (nicht), weil...

Escola Secundária Fernão Mendes Pinto

Unterrichtsplan

Buch: Optimal A2 Einheit: Thema: Lied „Das Beste“ (von Silbermond)	Klasse: 11.5 Niveau: A2 Lehrer: Pedro Castro	Datum: 20. Januar 2010 Stunde: 90 Minuten Schüler: 10
---	---	--

<u>Lernziele:</u> Am Ende des Unterrichts können die Schüler: - Die verschiedene Präpositionen im Akkusativ und Dativ erkennen
--

<u>Inhalte</u>		
Sprachhandlung: - Symbolische Ausdrücke verstehen - Eine Strophe zu einem Lied schreiben	Grammatik: - Artikeln und Präpositionen im Akkusativ und im Dativ	Wortschatz: - Liebe / Beziehungen

Minuten	U-Phasen	Unterrichtsschritte	Fertigkeit	U-Form	Medien
10'	Einstieg	Das Lied „Das Beste“ wird gespielt und der L. macht Aufmerksamkeit auf einige Ausdrücke im Liedtext;	Hören Lesen	Plenum	CD-Spieler
15'	Erarbeitung	S. bearbeiten die Bedeutung verschiedener Ausdrücke vom Liedtext.	Schreiben	Einzelarbeit	Arbeitsblatt 2
10'		S. bekommen einige Konjunktionen und damit sollen sie einige Sätze umschreiben. - Obwohl - Deswegen - Weil	Schreiben Grammatik	Einzelarbeit	Arbeitsblatt 2

10‘	Vertiefung	S. suchen im Liedtext Artikeln und Präpositionen im Akkusativ und im Dativ.	Grammatik	Einzelarbeit	Arbeitsblatt 3
15‘	Reflexion	L. fragt, ob sie noch andere Präpositionen kennen. (Wenn nötig, der L. ergänzt die Liste und erklärt die Präpositionen)	Grammatik	Plenum	Arbeitsblatt 3
15‘	Ergebnissicherung	S. sollen das Lied weitergehen (Jedes Paar schreibt eine neue Strophe dazu)	Schreiben	Partnerarbeit	Arbeitsblatt 3
15‘		Spiel: Einige Wörter vom Liedtext (“Das Beste”) werden auf papier geschrieben und auf einem Tisch verteilt. Das Lied wird nochmal gespielt und die S. sollen die richtigen Papierstreifen nehmen, wenn sie das Wort hören. Wer mehr Papierstreifen genommen hat, der gewinnt.	Hören	Plenum	CD-Spieler Papierstreifen

5. Wählen Sie die richtige Option!

„Ich könnt‘ dich die ganze Nacht betrachten“ bedeutet, dass...

- a) ich die ganze Nacht wach sein würde, damit ich dich sehen könnte
- b) ich neben dir nicht schlafen kann
- c) ich die ganze Nacht arbeiten muss

„Du hast es wieder einmal geschafft, mir den Atem zu rauben“ bedeutet, dass...

- a) du mich bestohlen hast
- b) du nicht atmen kannst
- c) du ein wunderbarer Mensch bist

„Vergess‘ den Rest der Welt, wenn du bei mir bist“ bedeutet, dass...

- a) ich vergessen habe, was ich gestern gemacht habe
- b) ich mich wunderbar fühle, wenn ich bei dir bin
- c) ich eine Reise um die Welt machen möchte

„Dein Lachen macht süchtig, fast so als wär‘ es nicht von dieser Erde“ bedeutet, dass...

- a) du die Zähne sehr weiß hast
- b) du ein schönes Lachen hast
- c) du ein Außerirdischer bist

„Viel zu schön ist es mit dir, wenn wir uns gegenseitig Liebe schenken“ bedeutet, dass...

- a) wir mächtig verliebt sind
- b) wir uns gegenseitig schöne und teure Geschenke schenken
- c) wir kein Geld haben, Geschenke zu kaufen

„Wenn sich mein Leben überschlägt, bist du die Ruhe und die Zuflucht“ bedeutet, dass...

- a) du keine Zeit für mich hast
- b) du sehr langweilig bist
- c) du mir immer hilfst, wenn ich brauche

6 – Formulieren Sie anders!

„Dein Verlassen würde Welten zerstör’n, doch daran will ich nicht denken“

Obwohl ich _____

„ Du bist das Beste, was mir je passiert ist (...) vergess‘ den Rest der Welt, wenn du bei mir bist“

Du bist das Beste, was mir je passiert, weil _____

„Viel zu schön ist es mit dir, wenn wir uns gegenseitig Liebe schenken“

Wir schenken uns gegenseitig Liebe, deswegen _____

7. Suchen Sie im Liedtext!

Artikeln	
Akkusativ	Dativ
➤	➤
➤	➤

8. Welche Präpositionen finden Sie im Liedtext? Was haben sie gemeinsam?

8.1. Welche andere Präpositionen kennen Sie noch?

a) Akkusativ:

b) Dativ:

9. Schreiben Sie noch eine Strophe zu dem Lied!

Wenn ich rastlos bin, bist du die Reise ohne Ende
Deshalb lege ich meine kleine, große Welt in deine schützenden Hände
Wenn ich...

TEILNAHMEBEWERTUNG

<div>Namen</div> <div>Daten</div>	Ana Soares		Ana Beicinha		Giselle Varela		Jessica Rodrigues		Maria Soares		Ricardo Abel		Rita Campelo	
	a)	b)	a)	b)	a)	b)	a)	b)	a)	b)	a)	b)	a)	b)
13. April	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
14. April	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
16. April	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
20. April	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
21. April	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
23. April	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
27. April	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
28. April	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
30. April	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>

a) Selbstbewertung b) Lehrerbewertung

Kriterien:

- **Sehr Gut** = Der Lerner spricht immer auf Deutsch, ohne grosse Fehler zu machen.
- **Gut** = Der Lerner versucht, sich regelmässig auf Deutsch auszudrücken. Die Fehler haben keine Auswirkung auf die Kommunikation.
- **Befriedigend** = Der Lerner versucht einige Wörter auf Deutsch zu benutzen, aber spricht meistens Portugiesisch. Fehler werden oft gemacht, aber die Nachricht ist verstehbar.
- **Unbefriedigend** = Der Lerner spricht immer Portugiesisch und versucht nie, sich auf Deutsch auszudrücken.

Improvisação sobre profissões e suas possibilidades.

Preparação

1. Prodigalizar vocabulário sobre profissões e suas possibilidades/funções/status/condições de aquisição

Improvisação

a). Pai e mãe falam entre si acerca das dificuldades que as respectivas profissões encontram – hipótese de desemprego – e sacrifícios a que devem fazer face, nomeadamente deixar de custear os estudos de todos os filhos.

Apenas dois filhos poderão continuar a estudar a expensas dos pais.

b) Pai e mãe reúnem num jantar todos os filhos para apresentar a seguinte questão: como só há possibilidades de pagarem os estudos a dois filhos, todos eles devem argumentar a favor dos cursos/especializações que querem tirar, demonstrando:

- a sua viabilidade económica
- capacidade de, com os respectivos cursos, poderem vir em auxílio dos pais, caso estes um dia mais tarde necessitem do apoio económico dos filhos.

Os pais nesta improvisação devem falar das próprias profissões que eles em tempo pensaram que seriam seguras e afinal de contas os obrigam a períodos de alguma dificuldade.

STECKBRIEF



NAME :

.....

HAUSTIERE:

.....

ALTER :

.....

LIEBLINGSESSEN:

.....

WOHNORT:

.....

LIEBLINGSFARBE:

.....

HOBBYS:

.....

